



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS

LUCAS OLIVEIRA LIMA

**NOVAS TENDÊNCIAS EM PERIODIZAÇÃO DO
TREINAMENTO EM FUTEBOL**

Limeira

2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS

LUCAS OLIVEIRA LIMA

NOVAS TENDÊNCIAS EM PERIODIZAÇÃO DO TREINAMENTO EM FUTEBOL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências do Esporte à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Alcides José Scaglia

Limeira

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA *PROF. DR. DANIEL JOSEPH HOGAN*
DA FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS

Li628n Lima, Lucas Oliveira
Novas tendências em periodização do treinamento em futebol / Lucas Oliveira
Lima. - Limeira, SP: [s.n.], 2014.
70 f.

Orientador: Alcides José Scaglia.
Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Ciências Aplicadas

1. Futebol. 2. Periodização de treinamento. 3. Metodologia. 4. Jogos. I. Scaglia,
Alcides José. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências
Aplicadas. III. Título.

Título em inglês: New concepts in periodization of training in football.

Keywords: - Football;

- Periodization of training;

- Methodology

- Game.

Titulação: Bacharel em Ciências do Esporte.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Alcides José Scaglia
Me^{ando}. Felipe Lovaglio Belozo
Me. Cristian Javier Ramirez Lizana

Data da defesa: 25/06/2014.

Autor: Lucas Oliveira Lima

Título: **Novas Tendências em Periodização do treinamento em Futebol.**

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências do Esporte

Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas.

Aprovado em: 25/06/2014

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Alcides José Scaglia (Presidente)

Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Profº Ms. Cristian Javier Lizana (avaliador)

Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Profº Ms^{ando}. Felipe Lovaglio Belozo

Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Esse exemplar corresponde à versão final da monografia aprovada

Profº. Dr. Alcides José Scaglia

Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

DEDICATÓRIA

Dedico à minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim. Em especial, à minha mãe, pois seu cuidado e dedicação, em todos os momentos, deram-me a esperança necessária para conseguir alcançar mais este sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por minha vida, família e amigos.

Agradeço em especial à minha querida mãe pelos seus cuidados, ensinamentos, amor, carinho e por ser um exemplo de determinação. Obrigado por sempre estar ao meu lado e me incentivar a perseguir meus sonhos.

Agradeço ao meu orientador Alcides José Scaglia pelos ensinamentos, pela paciência ao elucidar minhas dúvidas, pelo suporte e conselhos que fizeram de mim tanto uma pessoa e quanto um profissional mais completo.

Agradeço aos meus amigos e amigas que também me deram suporte, força e incentivos para buscar meus objetivos. Sem vocês nada disso seria possível!

Epígrafe

Trabalhe com a incerteza. O trabalho com a incerteza perturba muitos espíritos, mas exalta outros; incita a pensar aventurosamente e a controlar o pensamento. Incita a criticar o saber estabelecido, que se impõe como certo. Incita ao auto-exame e à tentativa de autocrítica.

Edgar Morin

LIMA, Lucas Oliveira. NOVAS TENDÊNCIAS EM PERIODIZAÇÃO DO TREINAMENTO EM FUTEBOL. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2014.

RESUMO

O futebol é um esporte universal, visto e praticado por milhares de pessoas, e, a partir disso, observamos a existência de inúmeras formas de assisti-lo, interpretá-lo e treiná-lo. No que diz respeito aos conceitos atuais do exercício do jogo de futebol, fica mais que evidente a necessidade de os compreendermos e transcendê-los. Nessa perspectiva, o presente trabalho teve como objetivo apresentar de forma sistematizada, organizada, evolutiva e cronológica as diferentes concepções do processo de preparação das equipes desse esporte, bem como, introduzir novos conceitos para a construção de uma metodologia de treino pautada no jogo, na qual se privilegia este como núcleo central de preparação. A maneira utilizada para a consecução destes propósitos consistiu em uma exaustiva recolha bibliográfica no que diz respeito à problemática em questão. Primeiramente, observamos que os processos de planejamento e periodização das equipes, apesar de levarem em consideração a necessidade de integração das componentes do treinamento, constantemente eram fragmentadas no intuito de maximizá-las em separado, primando pela dimensão física como matriz preparatória. Mais tarde, a tática obteve extremo reconhecimento no processo de organização do treinamento, o que levou ao desenvolvimento da periodização estratégica fomentada por um modelo de jogo, responsável por condicionar um modelo de treino e de jogador. Por fim, vimos uma metodologia ainda em construção advinda dos preceitos das Novas tendências em Pedagogia do Esporte, que tem como matriz de preparação a natureza ontológica do jogo, o processo organizacional e a lógica inerente a esportes coletivos.

Palavras-Chave: 1. Futebol 2. Periodização de treinamento 3. Metodologia 4. Jogos

LIMA, Lucas Oliveira. NEW CONCEPTS IN PERIODIZATION OF TRAINING IN FOOTBALL. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2014.

ABSTRACT

Football is a universal sport, watched and practiced by thousands of people. Therefore, we observe the existence of plentiful ways to watch, practice and train the game of football. With regards to current concepts of training the football game, it becomes more evident the need to understand and transcend. In this perspective, the current work had as an objective to show in a systematic, organized, evaluative and chronically form, the different concepts of the process as the preparation of the teams in football as well as introduce new concepts for the creation of a training methodology guided in the game, in which privileges the same as the core of preparation. The methodology used to achieve these objectives is consisted of a comprehensive literature review regarding the issues. Initially, we observe that the processes of planning and periodization of the teams, despite the need to integrate the components of the training, they were constantly fragmented in order to maximize them separately, giving emphasis to the physical dimension as the main point. Far ahead, the tactic has a huge recognition in the process of training, encouraging the development of tactical periodization, which is fostered by a game model, responsible for a training model and a model player. Finally, we analysed a methodology which is still being created from the teachings of the New Trends in Sport Pedagogy, which has the main point of the preparation ontological nature of the game, the organizational process and the inherent logic of collective games.

Keywords: 1. Football 2.Periodization of training 3.Methodology 4.Game

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1: Destaca as naturezas do jogo.....30

Quadro 2: Morfociclo padrão.....37

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Processo Organizacional Sistêmico dos Jogos Esportivos Coletivos.....55
- Figura 2:** Rede complexa da Família dos Jogos Esportivos Coletivos.....56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 - PLANEJAMENTO E PERIODIZAÇÃO DO PROCESSO DE TREINO E COMPETIÇÃO.....	13
2 A PERIODIZAÇÃO TÁTICA.....	25
3 PRESSUPOSTOS PARA UMA PERIODIZAÇÃO DE JOGO.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

Introdução

A evolução científica vem a ser a de uma seleção natural em que as teorias resistem durante algum tempo não por serem verdades, mas por serem as mais bem adaptadas ao estado contemporâneo dos conhecimentos.

(Popper, *apud* Morin, 1982)

O Futebol, institucionalizado em 1863 pela *Football Association*, é uma modalidade desportiva de fortíssima prática e divulgação. Através de sua natureza intrinsecamente airosa e contagiante, esse esporte atrai milhões de pessoas (REILLY et al, 1993; GARGANTA, 1997). Burke e Hawley (1997) apontam a existência de cerca de 120 milhões de jogadores no mundo. Para muitos, é considerada a modalidade desportiva mais afamada (PONCE e ORTEGA, 2003) e popular do mundo (FERREIRA e QUEIROZ, 1982; CORRÊA et al, 2002; OLIVEIRA, 2004a). Ou seja, podemos considerá-lo o fenômeno mais ilustre e destacado no final do século XX e início do século XXI (GARGANTA, 2004).

O futebol, por englobar inúmeros aspectos, pode ser considerado um fenômeno extremamente complexo. A inúmera quantidade de fatores que concorrem para o alto rendimento das equipes e jogadores, colocam-nos diante de uma série de problemas que nos levam a pensar sobre a necessidade imperativa de refletir sobre a metodologia de treino utilizada. Sabemos que a máxima expressão das capacidades do jogador requer ótimas condições de preparo e realização¹. A preparação das equipes e atletas para o desporto de rendimento está cada vez mais rigorosa. Com intuito de organizar e trabalhar de maneira mais efetiva as equipes para as competições, procedimentos, técnicas, sistemas e métodos de treinamento foram surgindo ao longo do tempo (ROMERO CERREZO, 2000).

Nessa perspectiva, por meio de uma recolha bibliográfica de artigos, teses e livros de âmbito nacional e internacional no que diz respeito à problemática em questão, a presente monografia teve como propósito explicitar as diferentes concepções dos processos de organização, planejamento e periodização do treino, além de apresentar de maneira sistematizada as novas tendências que estão em voga no momento no que tange a tal prática esportiva.

¹ Cf. Quinta, 2004.

Do mesmo modo que as Ciências do Desporto evoluíram, atingindo maturidade para formar um conjunto de conhecimentos aplicáveis em grande parte das modalidades desportivas, o futebol como parte desse conjunto não ficou para trás. Embora estudemos muito sobre a diversidade de fatores com que confrontamos para o alto rendimento das equipas e jogadores, temos a consciência de que o treino constitui uma grande parcela desse processo. Assim, este se encontra em constante evolução, e como o jogo, tem registrado diversas mudanças e evoluções ao longo do tempo.

Nesse âmbito, vários autores provindos de diferentes faces geográficas foram desenvolvendo distintos conceitos acerca de qual deve ser a perspectiva sobre o planeamento e a periodização do processo de treino. No que tange à organização de tais elementos, sentimos que ainda existem discrepâncias entre a maioria daqueles que trabalham e enfrentam diariamente o alto rendimento. Ao longo dos anos, as planificações e periodizações têm evidenciado um conceito de trabalho no qual a componente física tem elevados contornos significativos, atribuindo-se, portanto, demasiada importância ao desenvolvimento de um conjunto de capacidades físicas em detrimento de uma consciente forma de jogar (FARIA, 1999, p. 6).

Recentemente, o reconhecimento da importância tática no futebol, levou à busca e à elaboração de uma planificação e periodização, em que esta componente (tática) aparece como núcleo central de preparação das equipas e jogadores, que aparecerá alicerçada em uma forma de jogar, o que leva a perspectiva de um modelo de jogo, responsável por condicionar um modelo de treino, um modelo de exercícios e um modelo de jogador (*Ibidem*, 1999). Na busca por uma maior eficiência do processo e modelo de treino, autores contemporâneos como Alcides Scaglia (2003, 2005, 2011), Riller Reverdito (2007, 2009), Freire (2002), fundamentados em uma metodologia de treino, que tem como núcleo central de preparação o jogo, e é concebida através dos preceitos de um paradigma emergente. Tal paradigma possui como referencial teórico de sustentação, além da teoria do jogo e da sua complexidade, as perspectivas teóricas que versam sobre o desenvolvimento ecológico e a teoria sistêmica. Além disso, buscam jogadores e equipas capazes de tomar consciência das ações em meio ao processo organizacional, desenvolvendo uma capacidade de adaptação às constantes e

inevitáveis exigências do futebol, oriunda das interações que engendram suas características primordiais, imprevisibilidade, organização e irreduzibilidade.

Logo, parece-nos importante refletir sobre um conjunto de questões fundamentais para o treino, que, cada vez mais atuais, influenciam de forma primordial a organização de todo o trabalho das equipes e conseqüentemente o desempenho almejado.

1 - PLANEJAMENTO E PERIODIZAÇÃO DO PROCESSO DE TREINO E COMPETIÇÃO

A evolução do treino e da competição no Futebol não será alheia a convicção de que os resultados desportivos, ao invés de dependerem de forças misteriosas, deverão ser construídos com base num trabalho devidamente programado, assumindo-se o treinador não como um mestre do improvisado, mas como um elemento permanentemente disponível para utilizar todo o seu saber, intuição e arte, em função dos objetivos a atingir. (GARGANTA, 1993, p. 259)

O treinamento desportivo é um fenômeno complexo (MEINBERG, 2002; ALVES, 2004), ou seja, é um sistema de implicação global que interliga múltiplos e variados elementos/fatores de forma estruturada (ALVES, 2004). O seu planejamento não é inovação, nem descoberta russa, como alguns pensam, mas vem sendo utilizado para a preparação dos atletas desde os Jogos Olímpicos da Antiguidade (Bompa, 2002), época em que os gregos já utilizavam ciclos de treino os quais englobavam três dias de trabalho por um de descanso a que nomeavam de "tetras" (DANTAS, 1998; RAPOSO, 2002). Na mesma perspectiva das concepções modernas, os gregos utilizavam o planejamento do processo de treinamento como ferramenta para a maximização do rendimento das equipes nas competições desportivas, (CAMPOS GRANELL e RAMÓN CERVERA, 2001; GALDÓN *et al.*, 2002), preocupando-se em encontrar respostas que desencadeariam caminhos para um processo contínuo de treino (RAPOSO, 2002).

Assim, conhecer as dificuldades (elementos/fatores) que existem para atingir altos rendimentos desportivos e traçar planos de treino bem concebidos com embasamento nos princípios científicos, torna-se primordial para o alcance de objetivos estabelecidos na trajetória desportiva (BARBANTI, 1997). HARRE (1975) mencionam que o treino tem uma natureza planejada e sistemática. SILVA (1998) considera o planejamento do treino a fase fulcral de toda a organização do processo

de treino. Em tal perspectiva, a problemática do planejamento e a periodização do processo de treino, tornam-se uma preocupação central do treinador, e assim este precisa administrar uma gama de problemas de natureza metodológica.

O termo planejamento nos remete à arte de empregar a ciência na estruturação de programas de treino (BOMPA, 2002). Silva (1998) refere-se à questão como a ação de prever, por meio de planos, prováveis acontecimentos, perspectivando determinados objetivos, os quais são utilizados, normalmente, para descrever antecipadamente (gráfica e mentalmente) o conteúdo, a progressão, as variações e demais condições do treino (FERNÁNDEZ SEGUI, 1981). Sobre o fato, Raposo (2002) afirma que planejar é prever o futuro, dominar os acontecimentos do passado, buscando de forma contínua evitar os erros.

Para Seirul-lo Vargas (1994) o planejamento do treinamento é o conjunto de pressupostos teóricos executados pelo treinador, que descreve, prognostica, organiza e orienta todos e cada um dos eventos do treino e também utiliza procedimentos de análise e controle, os quais permitem as modificações para adquirir um processo cada vez mais afinado, gerando oportunidades para o alcance dos resultados desejados na competição. Corroborando com a ordem destas ideias, Garganta (1991) expressa que, planejar ou planificar é o ato de previamente descrever e minuciosamente organizar as condições de treino, os objetivos a atingir, os meios e métodos a aplicar, os momentos que, de uma perspectiva teórica, são os mais importantes da época desportiva.

Ainda, segundo o autor, porém por outro viés, a periodização do treinamento é um aspecto singular do planejamento que diz respeito, essencialmente, aos aspectos relacionados à dinâmica das cargas de treinamento e à consequente forma da adaptação do organismo às mesmas, tendo em conta os períodos da época desportiva em que nos situamos (GARGANTA, 1991). De acordo com Sander e Buscariolli (2008, p.1)

A palavra "periodização" deriva da palavra "período" e nada mais é do que a divisão do tempo em pequenos seguimentos, ou ciclos de treino, com características e objetivos específicos determinados de acordo com a especificidade de cada desporto. O objetivo desta fragmentação é facilitar a organização e ajustamento das cargas de treino para cada momento do ano competitivo visando o aumento da performance.

A periodização é definitivamente um dos principais aspectos dentro do complexo sistema do processo de treinamento desportivo, sendo fundamental para a obtenção de condições para conquista de resultados desportivos. Corroborando com tais premissas e apresentando mais uma das diversas faces desse termo fundamental para o treino, Gomes (2002) aponta que a periodização do processo de treino, respalda-se, sobretudo, na criação de um sistema de planos para diferentes períodos que encaixam um aglomerado de objetivos reciprocamente vinculados.

Mc Farlane (1986) e Dick (1988) apontam para o fato de que a periodização do processo de treinamento desportivo pode ser compreendida como uma divisão organizada, estruturada, do treino anual ou semestral dos jogadores e equipes, com intuito de prepará-los para alcançar certas metas previamente definidas, além de conquistar grandes resultados em determinados pontos fundamentais da época competitiva, defendendo que a forma desportiva seja o arranjo da dinâmica das cargas de treino no seu ponto máximo para o momento competitivo.

Diante de todas essas definições e conceitos, considera-se que estruturar a época em períodos, ou ciclos de treino, com características e objetivos específicos, pautados nos princípios científicos e consoantes com os momentos do calendário competitivo, torna-se imprescindível para se realizar um planejamento (GARGANTA, 1991) e uma programação eficaz (GARGANTA, 2003). Esta divisão auxilia no processo organizacional de treino, tornando mais efetivo o conteúdo da preparação, perante os objetivos e o tempo a gerir (GARGANTA, 1993). Entretanto, tais ideias não parecem ser consensuais. De fato, o papel da periodização no futebol está extremamente vinculado às atribuições relacionadas ao seu conceito. Ou seja, claramente podemos perceber que a periodização preconiza de forma intensa os aspectos das cargas de treinamento e, conseqüentemente, a dinâmica da adaptação do organismo a estas, tendo em consideração os momentos da época desportiva em que se situa.

Tal compreensão leva-nos, de maneira eminente, à vinculação da periodização com a dimensão "física" do planejamento. Corroborando com tais premissas, Faria (1999) e Oliveira (2002) apontam para o fato de que quando nos confrontamos com a divisão da época desportiva em períodos, esta aparece majoritariamente associada a um conceito de periodização física, uma visão convencional.

Autores como Garganta (1993), parecem colaborar com tal pressuposto, dizendo que a periodização do treinamento tem se assentado numa base que predominantemente se reporta aos aspectos da adaptação morfofisiológica e bioquímica do organismo. Esse acontecimento decreta, de maneira recorrente, que, ao perspectivar-se a periodização do treino em Futebol, tende-se a reduzir todo o processo às atribuições das cargas no plano-físico atlético, dando pouca importância aos fatores dominantes das capacidades de jogo² O autor acrescenta ainda que, apesar de produtiva, quando se pretendem solucionar questões mais restritas, esta linha de periodização somente traduz uma compreensão parcelar do processo de treino.

Para o estudioso, a edificação da forma desportiva, deve-se embasar em uma ideia mais global, isto é, que considera o atleta pela sua totalidade, utilizando um conhecimento cada vez mais específico da modalidade. Tendo em conta este postulado e reportando à importância da necessidade de um elevado nível das capacidades de jogo, como a inteligência deste (capacidade de resolver problemas proporcionados pelas circunstâncias desportivas), fica bastante evidente a demanda exigida para uma periodização mais adequada, a qual dedique grande parte do foco aos aspectos estruturais e funcionais do jogo de Futebol. Diante das ideias, conceitos e definições expostos, torna-se imprescindível a formação de uma periodização com visão alargada do processo, ou seja, que inclua todos os pressupostos do jogo e suas dimensões.

Destarte, o conceito de periodização em futebol deve apresentar dinâmica e abrangência de modo englobar todo o processo de preparação da equipe e seus jogadores.³

1.1 SÍNTESE EVOLUTIVA DAS CONCEPÇÕES DE PERIODIZAÇÃO

Levando em consideração as bases bibliográficas realizadas por Silva (1998), Gomes (2002), López *et al.* (2000), Galdón *et al.* (2002), Court (1992), Raposo (2002), García Manso *et al.* (1996), podemos perceber que desde os

² Garganta, 1993

³ *Ibidem.*

primórdios do treinamento houve uma constante evolução das concepções sobre periodização vejamos como isso se deu:

Murfhy e Kotov (anos 10-20)

- Organizam pela primeira vez as atividades do treino tendo em vista a melhoria do rendimento desportivo;
- Agrupam os conteúdos e as tarefas do treino em três fases de modo a permitir uma progressão das condições dos atletas e, posteriormente, atingir um estado de forma no momento desejado da competição;
- Destacam a manutenção do universalismo desportivo (formação multidesportiva).

L.Pihkala, Gorinovski e Birsin (anos 20-30)

- Apresentam leis de gestão do treino que vigoram até hoje:
- As cargas de treino semanal, mensal e anual devem manter um carácter ondulatório, respeitando a alternância do binômio trabalho-recuperação;
- Em longos períodos de treinamento, deve haver uma redução nas cargas de treino, evidenciando uma redução no volume simultaneamente com um aumento da intensidade;
- O treinamento específico deve se solidificar em uma ampla base de trabalho físico
- condição física geral.

K.Grantyn (anos 30-40)

- Apresenta pela primeira vez um ciclo anual de treinamento ininterrupto;
- Propõe conteúdos precisos para cada período e apresenta os princípios gerais do planejamento desportivo;
- Introduce a preocupação sobre a problemática da união entre especialização desportiva e formação geral e polidesportiva;
- Divide a temporada desportiva em três ciclos: o da preparação, o principal e o de transição, com durações e finalidades determinadas pelas características das modalidades;

- Tem como objetivo estar no melhor estado de forma para a competição

G.Dyson e N.Ozolin (anos 50)

- Elaboram modelos aplicados ao atletismo;
- Propõem que o período preparatório seja dividido em duas fases: a geral e a especial, tendo o período competitivo fragmentado em seis etapas: competitivo inicial, competitivo propriamente dito, descarga, preparação imediata, conclusiva e competição principal;
- Respaldam-se na preparação multilateral que resulta em uma especialização no momento da competição.

Letumov (anos 50)

- Justifica cientificamente a divisão em períodos;
- Defende que os modelos de treinamento não possuem uma boa base fisiológica e individualizada do processo, apresentando uma proposta, que engendra conhecimentos de adaptação biológica aos modelos de treino;
- Divide a temporada em períodos de treino geral e específico, designados à aquisição da forma, período competitivo e redução de nível de treino;
- Aponta que a predominância na determinação dos ciclos de treino, deve ser as particularidades biológicas do atleta e não o número e localização das competições da época desportiva.

L.P.Matveev (anos 50)

- Aprofunda os conhecimentos produzidos até então e apresenta o conceito de periodização do treino com base nas fases da síndrome de adaptação de H.Selye;
- Apresenta o conceito de forma, o qual está relacionado às alterações biológicas de adaptação (morfofuncionais) que se verificam no organismo do atleta devido aos estímulos provocados pelo treino e o consequente aumento da sua capacidade de trabalho;

- Considera o carácter ondulante das respostas biológicas face aos diferentes estímulos do treino e encontra uma relação entre os ritmos e a alternância cíclica das funções fisiológicas;
- Aponta que no processo de treinamento desportivo tomam parte a preparação física, técnica, tática, moral, volitiva e teórica;
- Afirma que a preparação especial deve ter sua base criada na preparação física geral, fundamentando-se no fato desta garantir o desenvolvimento múltiplo da força, velocidade, resistência, flexibilidade e agilidade, que são capacidades imprescindíveis para a criação de condições básicas para o aperfeiçoamento de uma determinada modalidade;
- Divide a temporada desportiva em três períodos: aquisição, manutenção e perda, tendo tempo de duração situado entre dez a doze meses, atribuindo aproximadamente 4 meses à primeira e um mês e meio a três meses à terceira;

Particularidades fundamentais do modelo:

- O processo de organização do treino deverá ser em detrimento das competições principais;
- A divisão dos períodos tem como respaldo o condicionamento da dinâmica das cargas e os conteúdos do treino;
- O tempo de duração dos períodos de treino é determinado pelas fases da forma desportiva;
- A dinamicidade das cargas é baseada nas grandes ondas;
- Há um grande período de tempo designando a fase preparatória geral;
- A multilateralidade é o trabalho dedicado ao longo de toda a temporada desportiva;
- Período competitivo muito concentrado;
- Modelo com carácter global, ou seja, que busca atender a todos os tipos de desporto;

Fidelus (anos 60)

- Propõe uma redução significativa do volume da carga durante o período competitivo tal como o treino geral, visando a atingir uma forma desportiva mais estável;

Naglak (anos 60)

- Apresenta o conceito de duplo ciclo como solução para obtenção de dois momentos de forma no mesmo ano, com subperíodos que sustentam um nível de flexibilidade em relação aos modelos anteriores;
- Designa macrociclo semanal, como a dinamicidade das cargas de treino.

A.Arosjev - "Treino Pendular" (anos 70)

- Nasce com intuito de aperfeiçoar o modelo proposto por Matveiev;
- O processo de treino é estruturado segundo o princípio de pêndulo, caracterizado por uma intensa alternância entre o treino geral e o específico;
- É baseado em ciclos pequenos e médios e estrutura-se em função das competições;
- O treino é distribuído em dois microciclos, sendo eles o principal e o regulador na temporada anual;
- Introduce significativamente a preocupação com o desenvolvimento das dimensões técnico-táticas;

A.Vorobjev - "Treino Modular" (anos 70)

- Modelo utilizado principalmente no halterofilismo;

Características do modelo:

- A aplicação das cargas é realizada em detrimento dos princípios da adaptação biológica e utiliza prioritariamente cargas específicas durante todo ciclo anual de treinamento;
- A organização do treino é composta por pequenas ondas, com mudanças acentuadas e frequentes no volume e intensidade no intuito de obter adaptações

contínuas e elevadas, uma vez que, face a um estímulo uniforme, o organismo responde também de forma uniforme;

- A justificativa para utilização em pequenas ondas, advém de uma organização do treino não ser projetada para determinar uma transferência dos efeitos da carga a longo prazo (efeito retardado da carga);

- O processo organizacional do treino se estrutura em plataformas intermédias de curta duração.

Verchosanskij - "Treino em Blocos" (anos 80)

- Ideia que se embasa na premissa de que, para se obter o máximo de rendimento em alta competição, é necessário planificar a carga de treino e ter presente a evolução do atleta;

- Modelo fundamentado para o atletismo e para disciplinas em que a força rápida assume singular importância;

- Caracteriza-se pelo emprego concentrado do treino de força, como recurso para a consecução de melhores rendimentos da técnica, velocidade ou nas denominadas capacidades especiais. As condições para tal consecução são dadas pelo chamado efeito de acumulação retardado do treino (EART);

- Propõe a concentração de cargas unilaterais, os chamados blocos específicos de treino;

- Diagnóstico das particularidades da modalidade em questão para a estruturação dos blocos de treino, proporcionando a interligação entre eles;

- Execução de uma interligação lógica e racional, através do conceito de "sucessão/interconexão (aproximação dos trabalhos que se complementam, e afastamento dos trabalhos incompatíveis);

- O modelo de treino por blocos pode ser estruturado de formas diferenciadas para distintas modalidades.

P.Tischene (anos 80)

- Propõe uma nova dinâmica de distribuição da carga ao longo da época, fundamentada na manutenção de um alto nível da intensidade associado a um elevado nível de volume durante toda a temporada;
- O modelo é embasado nos seguintes conceitos: carácter cíclico e curto do treino, distribuição harmoniosa das cargas geral e específica, relação estreita entre volume/intensidade, e que o progresso advém a partir da individualidade;
- O modelo tem como forma de dinâmica das cargas, pequenas ondas, balizadas por mudanças frequentes e pouco intensas nas componentes da carga, contribuindo para uma manutenção da capacidade de performance elevada ao longo de todo ciclo anual de treino;
- Introduce o intervalo profilático após as cargas específicas, devido à elevada carga de treino durante todo o processo organizacional de treinamento;
- Modelo aplicável principalmente em modalidades com grande importância da força explosiva e com duas fases de competição diferenciada;
- Utiliza o controle individual das competições, como protocolo para o desenvolvimento e manutenção da forma, face ao incremento da intensidade específica.

A. Bondarchuk (anos 80)

- Modelo fundamentado na aplicação de desportos individuais, sendo utilizado no atletismo, resultando em excelentes rendimentos nas provas de arremesso;

O modelo se embasa em duas premissas:

1ª) o atleta é considerado como uma unidade e como tal não deve ser treinado em "blocos", mas sim através de uma interligação desses blocos.

2ª) eliminação da preparação geral, exceto como meio profilático, pois o repertório motor nela utilizado possui um elevado carácter duvidoso de transferência para o repertório motor específico da competição;

- O processo de preparação geral apresenta elevado trabalho individualizado, no que diz respeito à composição e estruturação do treinamento e à implementação das cargas de treino;
- A forma desportiva é considerada como uma particularidade do indivíduo, havendo três etapas distintas que podem se repetir mais de uma vez ao longo do ciclo anual de treino: desenvolvimento, manutenção e descanso;
- As mudanças dos períodos do treino não se dão a partir de alterações nas dinâmicas das cargas, que se mantêm mais ou menos constantes durante toda a época desportiva, mas sim, através de um complexo reajuste sobre todo conjunto de exercícios utilizados no processo de treino.

Tudor Bompa (anos 80)

- Modelo proposto para atingir modalidades com longos períodos de competição, especialmente em desportos coletivos;
- O processo organizacional do treino se estrutura na predominância de caráter especial e pela conseqüente redução do treino de formação geral, pautadas nos procedimentos ondulatórios direcionados nas pequenas ondas de treino;
- O modelo parte da premissa de que o treino é um processo complexo, organizado e planejado sobre várias fases que se produzem de forma sequencial;
- As fases da planificação são:
 - * nível de forma geral (alto desenvolvimento das capacidades condicionais exigidas pela prática esportiva);
 - * nível de alta forma desportiva (estado biológico superior - rápida adaptabilidade às cargas de treino, recuperação eficaz, bons níveis de execução técnica/tática e grande capacidade psicológica);
 - * nível de máxima forma (estado de rendimento máximo - ótimos níveis de execução técnica e resolução tática).

Seirul-lo Vargas (anos 80)

- Propõe um modelo para modalidades com um longo período competitivo e de fácil aplicação aos desportos de oposição e cooperação-oposição;
- O modelo proposto, tal como Bondarchuk, parte de uma visão de desporto baseada nas singularidades dos atletas. O atleta é considerado como ser "hipercomplexo" e indivisível;
- O modelo proposto tem como ideia do planeamento desportivo de equipe uma série de conceitos que o tornava distinto dos modelos clássicos descritos, tais como: unicidade, a especificidade, a personalidade e a temporalidade;
- O modelo defende um planeamento com um conceito de especificidade diferente dos modelos antigos, em que se preconiza: a lógica interna do jogo, as particularidades do espaço, ambiente de competição, número e condições das competições, desenvolvimento dos pressupostos de forma desportiva pessoal e a forma e critério de quantificação e avaliação dos desempenhos obtidos em competição;
- O modelo se estrutura para que os atletas estejam em boa forma desportiva durante toda a época desportiva, de forma a alcançar seis a oito estados de boa forma nos momentos cruciais da competição;

Gomes (anos 00) - Modelo de Cargas Seletivas

- Apresenta um modelo específico para a modalidade (Futebol);
- Estrutura um ciclo anual de treino em aproximadamente cinquenta e duas semanas que será dividido em duas fases, evidenciando uma periodização dupla com tempo de duração de 26 semanas cada;
- A estruturação das cargas de treino é baseada no número de sessões por semana, tempo destinado ao treinamento no macrociclo e na carga horária total estabelecidas para o mesociclo/microciclo;
- O volume de treinamento é permanece quase o mesmo durante toda a temporada anual de competições;
- Alternância entre as capacidades físicas resistência especial, flexibilidade, força, além da técnica e da tática a cada mês do ciclo anual de treino;

- Considera como capacidade primordial para o desenvolvimento de uma ótima forma desportiva a velocidade;

2 A PERIODIZAÇÃO TÁTICA

Não podemos, como treinadores, estar nisto como se o futuro a alcançar, no que se refere ao jogar, não tivesse um presente. O futuro só "PRÉ-VÊ", não se PREVÊ, isto é, prepara-se, periodizando-se metodologicamente. (Frade, 2012).

Na busca pela elaboração de um modelo de planeamento e periodização mais específico para o processo de treinamento no futebol, que reflete uma existência direta com o modelo de jogo do treinador, e respaldando-se em uma abordagem epistemológica que considera a modalidade como um sistema complexo, Vitor Frade, professor aposentado da Universidade do Porto-Portugal, desenvolveu a denominada Periodização Tática.

Nessa perspectiva, Faria (1999) afirma que no entender de Frade, há uma relação direta entre o conceito de periodização tática e o modelo de jogo adotado pelo treinador. Dessa forma o autor salienta que a definição do modelo de jogo adotado deve ser realizado antes de se periodizar o treinamento. À vista disso, Carvalhal (2002) aponta a necessidade de compreender o treino como um "todo", se desfazendo da visão fragmentadora das componentes (física, técnica, tática, psicológica) a qual é defendida pelo modelo convencional.

Para Vieira (1993), a periodização tática coloca em primazia a componente tática, tendo em vista o modelo de jogo adotado e seus respectivos princípios, regulando o desenvolvimento de uma organização individual e coletiva que subcondiciona as outras dimensões (física, técnica e psicológica). Segundo Gomes (2008), o processo é balizado na aquisição de determinadas regularidades da organização da equipe em detrimento da operacionalização dos princípios do modelo de jogo pretendido, formando-se assim um treino específico.

Carvalhal (2002a:32) menciona também que na Periodização Tática, a componente tática do treino assume uma função coordenadora, levando o modelo

de jogo adotado, e seus respectivos princípios, para uma operacionalização em um processo de planejamento e periodização extremamente dinâmico. Por estarem (as demais componentes) subjugadas à dimensão tática, não existe a necessidade de potencializá-las isoladamente. Em tal metodologia, a recuperação é tida como mais um elemento integrador no processo de treino, possuindo assim extrema importância.

Dessa forma, vemos que a Periodização Tática visa à construção de estratégias condicionadoras para uma inteligibilidade de um sistema complexo (no caso do futebol), para então modelá-lo⁴. Logo, a necessidade de um entendimento do jogo pautada em uma abordagem sistêmica que considere a sua natureza e complexidade, rompe com a visão cartesiana que preconiza a divisão do todo em partes.

2.1 FUNDAMENTAÇÃO SISTÊMICA NO FUTEBOL

Através de uma análise evolutiva, percebemos que o mundo ocidental tem sido orientado e edificado sob os contributos do racionalismo clássico (paradigma cartesiano), herdado de Aristóteles e desenvolvido por Descartes⁵. Tal estrutura de pensamento norteia grande parte dos fenômenos que nos rodeiam, levando as pessoas a uma forma de interagir e de pensar sob um deliberado olhar, não estando o treino em futebol isento dessa tendência⁶. Através desse autor, a ciência desenvolveu-se com base nos seguintes princípios de pensamento/raciocínio (DESCARTES, 2008, p.25):

Jamais aceitar algo novo como verdadeiro sem saber com evidência que seja tal; ou seja, evitar com cautela a precipitação e a prevenção, e nada mais incluir em meus juízos além do que se apresente tão clara e tão distintamente ao meu espírito que eu não tenha nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

⁴ Cf. Pivetti, 2012.

⁵ Cf. Durand, 1979.

⁶ Cf. Paz, 2010.

Dividir cada dificuldade examinada em tantas partes quantas puder e for necessário para melhor resolvê-las. Conduzir pela ordem os meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e fáceis de se conhecer, para subir aos poucos, como por degraus, até o conhecimento dos mais complexos e supondo até haver certa ordem entre os que não precedem naturalmente uns aos outros.

Fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que me assegure de nada omitir (DESCARTES, 2008, p.25).

Em outras palavras, Zambiasi (2012), diz que no ponto de vista cartesiano, para que os problemas sejam solucionados, é preciso fragmentar as partes em quantas puder e for necessário, para que assim, ao analisá-las isoladamente, possa-se chegar à compreensão do todo. E acrescenta dizendo que nessa visão, "o todo" é menor que a soma das "partes", justificando a ênfase nestas.

No entanto, tal estrutura de pensamento investigativo foi contestada por diversos autores, como Capra, Morin, Varela, Maturana, entre outros que defendiam a visão sistêmica em detrimento da analítica⁷. De acordo com Capra, (1996), umas das principais características do pensamento sistêmico seriam a de um movimento que leva as partes em direção à totalidade. Em sua obra *A Teia da Vida*, o autor se refere ao fato de que o pensamento sistêmico veio propor justamente o contrário da visão cartesiana: "O pensamento sistêmico é "contextual", o que é o oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-lo no contexto de um todo mais amplo".⁸

Conforme Gomes M. (2006), diante de tais contestações, verificamos a aceitação e a credibilidade crescente da Teoria dos Sistemas e do Pensamento Ecológico, que desenvolve uma estrutura de pensamento transcendente à lógica redutora do cartesianismo.

Ainda, segundo a autora, pode parecer que tal ponto em questão seja algo fútil à nossa área de estudo, entretanto a implementação dos pressupostos convencionais condiciona o modo como pensamos, interpretamos e interagimos na realidade, e, conseqüentemente, no Futebol. Assim, defendemos que tal fenômeno deva ser compreendido através de um pensamento sistêmico, que considere a sua complexidade, para que a partir disto, possamos desenvolver uma metodologia congruente. O grau de complexidade deste objetivo requer uma metodologia

⁷ Cf. Carrilho, 1991.

⁸ Cf. Capra, 2006, p.41.

adequada, com grande capacidade de adaptação aos diferentes contextos e, que vá ao encontro da natureza do fenômeno. Logo, defendemos que a teoria e metodologia do treino também devem transcender os pressupostos convencionais e, nortear o processo organizacional do futebol pautado em uma abordagem sistêmica (Ibidem, 2006).

2.2 A NATUREZA DO JOGO

Para compreendermos a natureza do jogo é preciso entender as características que o acompanham. Para o jogo é "um sistema complexo num ambiente (contexto) também complexo"⁹, onde o acaso e as regras são seus elementos¹⁰. Nessa perspectiva, acredita-se que jogo só é jogo por que é imprevisível¹¹ () e nisso está sua essência.

Em face destas questões, Dunning (1994, cit. por CUNHA E SILVA, 1995) diz que, o jogo é um acontecimento de natureza caótica e singularmente sensível às condições iniciais, contudo, por ter também algo construído, localiza-se em uma fronteira entre o caos e a ordem. Destarte, "*a atividade de jogo é fértil em ações ou sequências imprevistas e aleatórias*"¹² (), cuja frequência, ordem cronológica e complexidade não podem ser previstas antecipadamente¹³.

É notório que a natureza complexa das ações de jogo implica o caráter imprevisível e emergente plausível do novo¹⁴. Segundo Cunha e Silva (1999), o jogo poderá ser entendido como um sistema dinâmico não linear, no qual o comportamento varia não linearmente com o tempo, sendo o resultado deste, dependente da forma como se joga e como se irá jogar.

De maneira mais global, Morin (1990:129) aponta:

Felizmente ou infelizmente, todo universo é um *cocktail* de ordem, de desordem e de organização. Estamos num universo donde não se pode afastar o imprevisto, o incerto, a desordem. Devemos viver e tratar essa desordem.

⁹ Cf. Leitão, 2004, p.27.

¹⁰ Cf. Eingen; Winkler, 1989.

¹¹ Cf. Garganta, 1997, Freire, 2002b, Leitão, 2004.

¹² Ibidem, P. 169.

¹³ Idem 1998.

¹⁴ Cf. Faria E Tavares, 1993.

Devido à natureza caótica e não linear do jogo, em que os eventos são de difícil previsão e estão em um processo constante de invenção-reinvenção, qualquer acontecimento que venha a ocorrer carrega e transfere consequências e implicações nos eventos seguintes. Os quais são provenientes de um acontecimento que já ocorreu, isto é, uma ação no "aqui e agora", será responsável por uma sequência, uma lógica e um resultado do processo, ou seja, notoriamente, o jogo assume uma grande dependência do que acontece em cada instante.¹⁵

Para Cunha e Silva (1995), os sistemas complexos não lineares, como o jogo, devem ser classificados em duas categorias: a primeira contendo um sistema caótico, composto por extrema sensibilidade às condições iniciais; e a segunda com um sistema fractal no qual, embora também haja tal sensibilidade, há uma regularidade (princípios de jogo). Essa regularidade ocorre através da existência de um conjunto de fundamentos comportamentais que se verificam invariantes, seja a nível coletivo, setorial, intersetorial ou mesmo individual.¹⁶

As decisões tomadas (princípios de jogo) num contexto praticamente imprevisível à priori¹⁷, num confronto simultâneo entre o previsível e o imprevisível, dão condições para constituição da equipe como um sistema complexo adaptativo complexo, dinâmico; e caótico, onde as jogadas se inserem na imprevisibilidade global do jogo, possuindo os princípios de jogo como coordenadas orientadoras de sua auto-organização. Sintetizando, ao discutirmos a natureza do jogo, vemos que este expressa essas propriedades:

<u>Aleatoriedade</u>	"Evidencia-se porque a ocorrência das situações não apresenta uma lógica sequencial, manifesta-se arbitrariamente, ou seja, apresenta-se de forma não linear" (GUILHERME OLIVEIRA, 2004, p.17).
<u>Imprevisibilidade</u>	Revela-se porque os problemas advindos do jogo podem ser solucionados por distintas formas, dependem dos conhecimentos específicos que se tem, da leitura que o atleta faz sobre o contexto em que está inserido, "da sua auto-consciência relativa às suas capacidades para resolução desse problema, isto é, das suas <i>affordances</i> e dos modelos de referência coletivo e individual que

¹⁵ Cf. Guilherme Oliveira, 2004; Oliveira *Et Al.*, 2006 Pivetti, 2012.

¹⁶ Cf. Tavares, 2003; Guilherme Oliveira, 2004.

¹⁷ Cf. Garganta E Gréhaigne, 1999; Garganta E Cunha E Silva, 2000; .Teodores, 2003; Garganta, 1997; Castelo, 1994; 1999; Oliveira, 2002).

	construiu" (<i>Ibidem</i> , p. 127), e também a execução da ação que o jogador optou realizar no "aqui e no agora".
<u>Sensibilidade às condições iniciais</u>	Relaciona-se justamente com isso, ou seja, com os acontecimentos que emergem durante o jogo e com as ações realizadas pelos jogadores. Qualquer decisão tomada trará implicações às ações subsequentes, podendo modificar e alterar completamente a sequência, a lógica e o resultado do processo. Assim, o "aqui e agora" condicionará sempre o desenvolvimento do jogo
<u>Caráter fractal</u>	Este jogo revela certas regularidades, ou seja, possui particularidades funcionais e estruturais invariantes que permitem reconhecer o jogo de futebol como futebol, e não como basquete, voleibol, handebol, etc.

Quadro 1: Destaca as naturezas do jogo.

Destarte, o futebol é composto pela incerteza, imprevisibilidade, desequilíbrio e comportamentos de caráter caótico, que são características dos fenômenos complexos, devido às interações e ligações que tais dimensões variadas geram entre si.

Sabemos que todos os jogos possuem uma lógica inerente (futebol), a qual está intimamente e diretamente relacionada à construção do próprio jogo. Pensando a partir de tal viés teórico, Cunha e Silva (2003, *Apud*. TAVARES, 2003), defendem que aquilo que um treinador almejaria era ser um "*fractalizador*", ou seja, que o jogar da sua equipe se configurasse por meio dessas invariantes (princípios) que são formadas no treino. Posto isto, de acordo com Guilherme Oliveira (2004), é necessária a compreensão de um processo de treino do jogo de Futebol que seja adaptável e se enquadre em uma organização fractal composta por quatro níveis: i) momentos do jogo (organização ofensiva, organização defensiva, transição ataque-defesa e transição defesa-ataque); ii) modelo de jogo (princípios, subprincípios, subprincípios dos subprincípios); iii) especificidade (sua omnipresença) e ii) modelação dos exercícios (reflexão do jogar adotado).

Nesse sentido, percebemos que tal estrutura de pensamento foge do "*paradigma de simplificação*" e não linear estudado por MORIN (1990), pois ainda que conheçamos a infinidade de seus elementos e suas singularidades,

continuamos incapazes de prever o resultado. Portanto, os processos de treino em futebol devem ajustar-se à complexa natureza do jogo, isto é, devem conviver com a diversidade, usando-a como tensão suplementar, e não partindo da premissa de eliminá-la¹⁸.

2.3 O MODELO DE JOGO

Para Garganta (1997), é possível, observando equipes e jogadores no decorrer de vários jogos, detectar padrões de organização, que permitem sintetizar conclusões em relação ao comportamento esportivo e de atletas e equipes. Esse comportamento tem relação com as características construídas pelo grupo, especialmente com seu sistema organizacional.

No âmbito do futebol, o conhecimento, a identificação e a definição do jogo decorrem da utilização de modelos que tenham grande capacidade de interpretação e explicação sobre a lógica do conteúdo do jogo através das dimensões consideradas essenciais ou mais representativas do fenômeno¹⁹. De fato, Castelo (2002) assume que para estabelecermos uma relação verdadeiramente significativa entre a lógica interna do jogo, a lógica do jogador e a do processo de treinamento, a construção de modelos torna-se fundamental. Na perspectiva científica, um modelo é uma representação simplificada, isto é, a forma mais ou menos abstrata de uma ou várias relações que integram partes/propriedades de um sistema, o qual desenvolve uma rede de inter-relações envolvendo as unidades de um conjunto, simulando a realidade ou parte dos fatores que a norteiam, resultando ao ponto de vista adotado. A criação dela, portanto, se justifica por proporcionar um aumento no potencial de inteligibilidade (CASTELO, 1999 *apud* PIVETTI, 2012, p.82).

De acordo com Giere (1989), os modelos são entidades mais ou menos abstratas, usadas como uma ferramenta para a representação do mundo. " O modelo é sempre uma escolha do observador, perante o espectro de alternativas que o catálogo dos modelos nos oferece"²⁰. Segundo Castelo (1994), através de um modelo procura-se definir e reproduzir todo o sistema de relações que se estabelecem entre os variados elementos de uma dada realidade, i.e., procura-se

¹⁸ Cf. Cunha e Cintra, 1999.

¹⁹ Cf. Garganta, 1997.

²⁰ Cf. Cunha e Silva, 1999, p.73.

criar uma rede de inter-relações entre as unidades de um conjunto, com a premissa de compreender a globalidade e as inúmeras relações/interações que se estabelecem.

Para o autor, modelo é uma "representação simplificada, sob forma mais ou menos abstrata e se possível matematizada, de uma ou várias relações, do tipo causal ou descritivo, que reúne os elementos de um sistema"(Ibidem, p.40). Teodorescu (2003) acrescenta que nos jogos desportivos coletivos, somente em curta escala, alcançaram-se modelos matemáticos, utilizando-se, sobretudo, de modelos teóricos e pedagógicos.

Segundo Castelo (1994, 2002) modelo é uma construção teórica, é um ensaio, uma aproximação, uma maquete, que representa uma simulação da realidade, ou de parte dos aspectos desta, derivada de elementos específicos do fenômeno que se observa. O autor menciona que a criação de um modelo implica a representação de algo que é semelhante e condiz com a realidade prévia.

Diante disso, vemos que a importância de um modelo e das suas modalidades de aplicação interage com a possibilidade de catalisar/facilitar a sistematização do conteúdo dos jogos desportivos coletivos (CASTELO, 1994), i.e., do Futebol, além de reconhecer que o jogador, em sua ação, recorre às referências (modelos) pautadas em lembranças ligadas a vivências motoras ativas, que lhe permitem o desenvolvimento de respostas eficazes, às situações de jogo mesmo em contextos não definidos *a priori* (GARGANTA, 1998a).

Considerando tais conceitos, é pertinente proceder a uma caracterização de um modelo de referência, cujo alicerce é uma base conceptual.²¹ (FRADE, 1985). Assim, ao nível do processo organizacional de treino e de jogo, o modelo de referência denomina-se de modelo de jogo. Através deste, torna-se possível incitar e desenvolver, de modo veloz uma forma planejada e sistemática, comportamentos individuais e coletivos (QUEIROZ, 1986).

Para Mourinho (2006), o modelo de jogo é a direção que faz com que os jogadores possam nos quatro momentos de jogo (organização ofensiva, organização defensiva, transição defesa-ataque e transição ataque-defesa), "pensar sob a mesma perspectiva". Segundo o autor, dentre suas características específicas, em seu modelo a bola deve ser recuperada rapidamente, as linhas de marcação precisam ficar compactadas e sua equipe necessita de ficar com a posse de bola o maior tempo possível. Além disso, o modelo de jogo é algo particular que identifica

²¹ Cf. Frade, 1985.

as equipes e que não deve ser mudado em função do grupo adversário. Para Castelo (2006a), como o modelo representa uma organização adotada para o jogar, deve ser construído ao longo do tempo adquirindo novos elementos. Corroborando com essas ideias, Oliveira (2003), assume que o Modelo de Jogo é como uma conjectura que está sistematicamente aberta a novas aquisições (pautadas na perspectiva complexa), além de estar em contínua construção, isto é, nunca sendo um dado adquirido, nem findo. Por outro lado, conforme o autor, por este estar em constante evolução, o modelo final é sempre algo inatingível²².

Para Amieiro e Maciel (2011b) em conjunto com Guilherme Oliveira (2012a), o Modelo de Jogo é composto por uma teia de interações extremamente complexa, tendo também, como aspectos fundamentais para sua constituição, a ideia do treinador, a cultura do país, cultura do clube, objetivos traçados pela comissão diretiva, singularidades dos dirigentes, particularidades dos jogadores (características e nível de jogo, crenças, histórico, personalidades, etc.), além da metodologia de treino levada à risca princípios metodológicos - matriz metodológica, liderança, gestão de grupo, sensibilidade do treinador (divina proporção), torcida, imprensa, entre outros.

Segundo Oliveira (2003) o Modelo de Jogo implica um conjunto de decisões que serão fundamentais no trajeto a percorrer, condicionando modelos de treino, de exercícios, de jogador²³, servindo como garantia de uma busca constante acerca de uma evolução individual e coletiva. Por isso o Modelo de Jogo pode ser compreendido como um idioma sobre o qual os jogadores e treinador desenvolvem uma linguagem²⁴. Destarte, é de fundamental importância que o treinador, antes de mais nada, realize uma autossistematização mental das suas ideias, para posteriormente, fornecer condições a algumas adaptações nas potencialidades e singularidades dos seus atletas, de maneira a tirar o maior proveito possível destes e das interações que possam vir a acontecer entre eles.²⁵ À vista disso, Garganta (1997), assinala que, ao funcionarem como referenciais para a concretização dos objetivos, elaboração e avaliação das situações de ensino e treino do jogo, os modelos constituem-se como elementos primordiais, sendo imprescindíveis na consecução do processo de treino e jogo em Futebol.

²² Cf. Oliveria, 2003.

²³ Cf. Faria, 1999.

²⁴ Cf. Gomes, M. 2006.

²⁵ Cf. Oliveira, 2003.

2.4 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA PERIODIZAÇÃO TÁTICA

A periodização tática está assente em Princípios Metodológicos que são fundamentais e que a diferenciam claramente das demais metodologias. Sem sua correta compreensão e domínio, durante a operacionalização do processo de treino, não existe Periodização Tática (TAMARIT, apud TOBAR. J, 2012).

Sobre a questão, Almeida (2009) afirma que ao longo da operacionalização do processo de treinamento de uma equipe, o treinador necessita de conhecer e compreender os três princípios metodológicos que legitimam e norteiam o morfociclo padrão.

Portanto, os Princípios Metodológicos são... e repare que durante muito tempo, 90% da gente que falava sobre Periodização Tática, nem se quer falava dos Princípios Metodológicos e é onde eu mais martelo com os alunos, por que uma ideia de jogo toda a gente tem, para jogar de uma determinada maneira, depois sistematizando mais ou menos, mas como é que se fabrica isso?! Eu digo que a especialização todos os cozinheiros têm, e então porque é que uns são melhores que outros?! Então, é porque a feitura tem qualquer coisa de concreto, de diferente, de original e isso tem a ver com as doses, ah pois tem! Basta você exagerar na dose de uma merda qualquer que a coisa já não dá. Isso é a causalidade não linear. Sabe que já era o tema da minha tese de doutoramento, a causalidade não linear na estrutura acontecimental do rendimento superior. (FRADE, apud TOBAR. J, 2012)

Nesse sentido, Montenegro (2008) assume que, na construção do modelo de jogo, procura-se a garantia de certa estabilidade ao longo do padrão semanal, criando assim, condições para uma otimização do processo de aprendizagem no decorrer das unidades de treino.

Portanto, conhecer, compreender e aplicar os Princípios Metodológicos corretamente e com certo domínio, certamente garantirá o aparecimento da Especificidade. Nessa perspectiva, Campos (2008), aponta que:

"os princípios da alternância horizontal em Especificidade, da progressão complexa e das propensões, são os pilares da repetição sistemática e só uma interação bem contextualizada entre os três permitirá que se treine em Especificidade". (p. 54)

Posto isto, a Periodização Tática contempla princípios metodológicos que são coerentes como uma determinada afiliação "conceptometodológica" (FARIA, 1999) levando-nos a cogitar numa direção diferente do que é comum²⁶.

2.5 PRINCÍPIO DA ALTERNÂNCIA HORIZONTAL EM ESPECIFICIDADE

Segundo Almeida (2009), o princípio da alternância horizontal em Especificidade fundamenta-se na necessidade do equilíbrio do binômio desempenho e recuperação. Conforme Gomes (2008):

O princípio metodológico da Alternância Horizontal em Especificidade salvaguarda a permanente relação esforçar-recuperar distribuindo semanalmente diferentes escalas do "jogar" que pretende a equipa. Aborda ao longo da semana diferentes níveis de organização. [...] Tão importante como o esforçar na aquisição dos princípios de ação pretendidos é o recuperar para assegurar condições de realização que permitam a operacionalização aquisitiva dos mesmos. (P. 141)

Tamarit (2007) confirma tal preceito ao afirmar que esse princípio é o responsável pela regulação da relação existente entre esforço e recuperação.

De acordo com Oliveira, B. *et al.* (2006), o princípio em questão procede uma alternância do padrão de contração muscular dominante, alternando também entre treinos com caracteres mais descontínuos e treinos menos descontínuos, porém sempre conservando a Especificidade com níveis variados em consonância com o objetivo do dia. Ainda para Tamarit:

A lógica da Periodização Tática é uma lógica que também é diversa da convencional no que diz respeito aos aspectos físicos. Entende que a contração do músculo se caracteriza pelo grau de tensão, de duração e de velocidade da mesma. Embora saibamos que durante qualquer exercício a contração

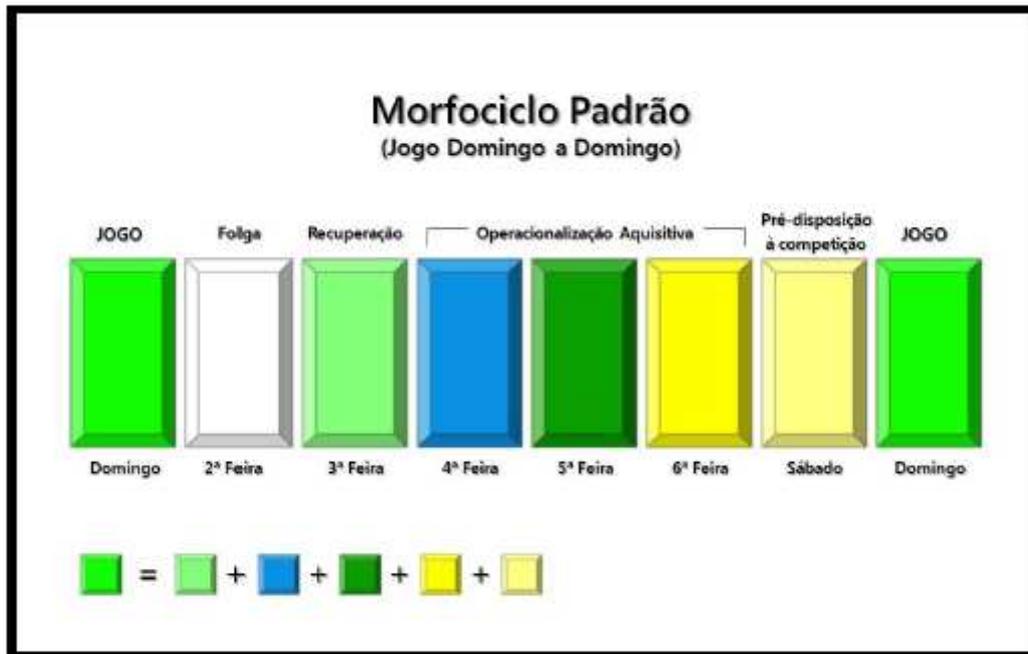
²⁶ Cf. Faria, 1999.

muscular expressa estas três características de maneira conjunta (em toda contração acontece tensão, duração e velocidade), nós podemos, através da manipulação dos exercícios, evidenciar mais uma, ou outra, ou seja, dar dominância de uma em relação às outras, permitindo incidir mais sobre a tensão, sobre a duração ou sobre a velocidade da contração muscular, um dia e, portanto, maximizá-la, recuperando assim as estruturas utilizadas nos outros dias. (TAMARIT, p. 93 apud TOBAR. J, 2012)

Tal alternância horizontal (horizontal porque ocorre ao longo dos dias da semana) e não vertical (ocorre ao longo da mesma unidade de treinamento) acontece como decorrência da incapacidade, em termos biológicos do organismo se esforçar constantemente dentro do mesmo registro, solicitando todos os dias as mesmas partes do seu "jogar" (RESENDE, 2002),

Devido à preocupação de que além da competição, o treino do jogar adotado também promove desgaste, podendo este ser um aspecto limitador à evolução do processo em si e à disponibilidade "frescura" da equipe para competir em alto nível, observamos que não existem dois dias iguais ao longo da semana, o que levará a permitir a regeneração das estruturas já solicitadas (TAMARIT, 2007).

Posto isto, consideramos desde o início que, há a presença de uma invariância que está diretamente ligada à operacionalização do modelo de jogo, porém a escala a que esta é solicitada vai se modificando. Assim, pretende-se que os jogadores não estando sempre a massacrar as mesmas estruturas morfológicas, funcionais, emocionais, sentimentais, entre outras do seu "jogar", possam chegar ao jogo recuperados, tal ideia parte sempre da visão global, e por isso tático) (OLIVEIRA *et al.*, 2006).



Morfociclo Padrão. Adaptado por Guilherme Oliveira (2010)

2.6 PRINCÍPIO DA PROGRESSÃO COMPLEXA

O Princípio Metodológico da Progressão Complexa, de acordo com Maciel (2011b), é o responsável por retratar que o processo de aquisição de um jogar é dado de maneira complexa e não linear, implicando tomada de um caminho de menor para maior dificuldade, ou seja, não do mais simples para o mais complexo. Ou seja:

Há que ter a noção de que, para se progredir, é também preciso ordenar, hierarquizar. Isso é que leva ao operacionalizar! Mas, atenção, não é a convencional progressão do geral para o específico, do volume para a intensidade, do aeróbio para o anaeróbio. É uma progressão que diz respeito à hierarquização dos princípios de jogo [...] por um lado, e aquela que acontece com a diferenciação do esforço ao longo da semana, por outro. (OLIVEIRA, B. *et al.* 2006, p.109)

Durante tal processo, é fundamental ter a consciência de que, por vezes, é necessário parar, avançar, retroceder; levadas sempre em conta as circunstâncias e concomitantemente a sabedoria de que existem diferenças no processo ao longo de uma temporada (TAMARIT, apud TOBAR. J, 2012). Corroborando com tais ideias Maciel (2011b), aponta que tal processo representa uma progressão complexa espiralada, pois se desenvolve em torno de um eixo, que no caso é a nossa Intenção Prévia (Especificidade - ideia do jogo). Contudo, o método é extremamente dinâmico desenvolvendo-se e evidenciando constantes avanços, porém, também há retrocessos sem perda de relação com o referencial que o sobredetermina.

Ferreira (2010) encontra em tal princípio metodológico uma "montagem" e "desmontagem" dos preceitos de jogo e a hierarquização destes durante o padrão semanal e ao longo do processo de treino, conforme a evolução da equipe. Nesse âmbito, tal processo, entretanto, não resume apenas ao nível macro, ou seja, a perspectiva do início, meio e do fim da temporada, mas também em outros níveis. Assim, Oliveira *et al.* (2006), apontam que a Progressão Complexa da aquisição do "jogar" se manifesta pelo menos em três esferas: ao longo da temporada; ao longo da semana de treinamentos (em detrimento do que foi o jogo anterior e do que será o próximo jogo) e ao longo de cada unidade de treino.

Para Pivetti (2012), o objetivo do princípio da progressão complexa é fazer emergir novas formas de ordem e graus mais altos de dificuldade, concretizando assim a lógica de ir da menor para a maior complexidade, mas sempre tendo a consciência de que não será possível monitorar e controlar todo o processo.

Posto isto, buscamos através do processo de treinamento, uma constante evolução do "jogar" pretendido e conseqüentemente dos jogadores que o compõe, tendo em conta que esta evolução, para ser qualitativa precisa ser observada em termos de complexidade, urgindo desta forma, que a operacionalização desse "jogar", ocorra longe da estabilização, caminhando contra a estagnação e morte do próprio sistema (MACIEL, 2008).

2.7 PRINCÍPIO DAS PROPENSÕES

O Princípio Metodológico das Propensões refere-se à modelação dos contextos de exercitação, com o objetivo de criar âmbitos relativos a um "jogar" que

possibilitem o aparecimento do que se almeja treinar com elevada frequência. Conforme Maciel (2011): "Modelam-se os contextos para que estes, não perdendo a sua natureza aberta, sejam facilitadores e catalisadores dos propósitos desejados" (p.4).

O Eddie costumava esconder um pin nas meias e antes do início do jogo (durante o treino em situação 5x5), tirava algum ar da bola sem que ninguém se apercebesse. Assim que o jogo começava, os bases ficavam frustrados pelo facto de não conseguirem driblar a bola e como resultado libertavam-na mais para os jogadores interiores.(CHARLES ROSEN, 2008)

Esse princípio possui tal nomenclatura devido ao seu papel criador de contextos propensos a determinadas aquisições de princípios de jogo, os quais têm que ter sentidos associados, ou seja,, aquisições pretendidas dos princípios por parte dos jogadores só acontecem quando se tem consciência do saber fazer (ALMEIDA, 2009).

De acordo com Maciel (2011b) o princípio metodológico possibilita que o caos seja de fato determinístico, ou seja, os exercícios (conteúdos/contextos de exercitação) propostos pelo treinador não deixam de possuir a sua natureza aberta, imprevisível, em que os atletas são constantemente requisitados a tomarem decisões, realizar interações, o que lhes propicia uma função determinante. Para Pivetti (2012):

O propósito é criar circunstâncias relativas a uma identidade de jogo que permitam um aumento de densidade do que se deseja como regularidade, isto é, interações que, ao acontecerem, façam emergir exponencialmente os critérios subjacentes aos princípios de jogo. O que se busca é modelar a situação de modo que esta catalise os propósitos desejados, para que o que se manifestar seja condizente com aquilo que se deseja. Porém, vale ressaltar que a decisão será sempre dos jogadores, e, sendo assim, o intuito não é treinar ou instituir comportamentos, mas libertar os jogadores por meio de interações determinadas e suportadas por critérios preestabelecidos. (p. 52).

Portanto, o Princípio Metodológico das Propensões refere-se ao fato de se contextualizarem os conteúdos de exercitação para que aquilo que se quer que

aconteça, ocorra mais vezes. Seja um princípio de jogo, uma articulação de um princípio com outro, assim, vale ressaltar que tudo é norteado pela ideia pretendida pelo treinador, que se resume como uma "configuração mental nata porque o próprio processo gerido por uma determinada intervenção é que vai possibilitar o concretizar da sua existência" (CAMPOS, 2007:11)

Contudo, como aponta Tamarit *apud* (TOBAR.J, 2012) o princípio em questão não se resume a apenas propiciar a vivência da ideia de jogo pretendida pelo treinador nas suas distintas escalas (princípios, subprincípios e subprincípios dos subprincípios), mas também o papel de promover com elevada frequência o mecanismo de um determinado tipo de contração muscular (predominância), do processo metabólico envolvido (predominante), certas dinâmicas do binômio desempenho-recuperação, da intensidade máxima relativa a experimentar, e um conjunto de outros fatores, consonantes ao dia do Morfociclo.

É, a partir de tais premissas (princípio da alternância horizontal em Especificidade, princípio da progressão complexa e princípio das propensões), que poderemos vir a trabalhar em Especificidade, mantendo toda uma estrutura coerente e fidedigna que serve de suporte ao processo.

2.8 MORFOCICLO PADRÃO

Na Periodização Tática, o processo de treinamento é estruturado e organizado fundamentalmente em função de um morfociclo padrão semanal, que possui propósitos com a meta de garantir uma estabilização do método em questão (ALMEIDA, 2009).

Para Gaitero (2006), o morfociclo é a morfologia do "jogar" ao longo de um ciclo (ocorre entre dois jogos). Fundamenta-se em uma configuração (padrão) que apresenta uma determinada forma representativa do todo (jogar), na qual esta forma, sendo diferente em distintas escalas, sustenta-se de maneira equilibrada nos princípios maiores. Maciel (2011b, p.13) completa dizendo que "permite com base numa periodização jogo a jogo fazer emergir e dar vida ao jogar que se aspira. Nas palavras de Pivetti (2012):

O termo morfociclo padrão é uma nomenclatura particular da metodologia de treino Periodização Tática, que reflete a ideia

da forma na composição estrutural e funcional do ciclo semanal de treinamento de uma equipe. [...] Isso nos remete ao fato de o ciclo de treino ser organizado em um padrão em razão da forma de jogar que se perspectiva para equipe; sem se alienar a flexibilidade inerente às necessidades que vão aparecendo pelas competições disputadas. Essa é a razão da utilização com alguns padrões identificadores de forma (morfo) que se perpetuam sob uma organização não linear (ciclo). (p. 195).

Isso posto, vemos que o morfociclo padrão é indispensável e imprescindível para a organização do processo de treinamento, uma vez que tem como função analisar e tomar decisões para um conjunto de propósitos, jogo após jogo, que serão implementados ao longo da semana para serem edificados na competição seguinte²⁷.. Diante dessa lógica, reconhecemos e entendemos que, "o treino e a competição fazem o jogo" (GOMES, M. 2006).

Sobre a questão do morfociclo padrão, Maciel (2012) comenta:

O reconhecimento do fato de ser o ciclo entre jogos (a sua qualidade) a direcionar o processo, reforça ainda mais a íntima relação existente entre treino e competição. Desde logo, os momentos formais de competição são os testes cruciais que melhor permitem ao treinador aferir a congruência ou não daquilo que a equipa manifesta efetivamente e aqueles que são os seus intentos. É em função dessa avaliação qualitativa do processo, que o treinador vai configurar semana a semana a operacionalização do seu jogar, nuanciando-o consoante as necessidades circunstanciais, as quais se detectam tendo por base aquilo que se verificou no jogo anterior e aquelas que se perspectivam vir a ser o jogo as exigências do jogo seguinte. E claro está, tendo sempre como suporte não somente o nosso jogar, mas também o padrão semanal adotado para o fazer emergir. Depreende-se daqui, que é a competição que determina a configuração dos Morfociclos. Uma configuração que mantendo a sua matriz, varia a nível da sua essência, isto é, a nível do conteúdo experienciado nas diferentes sessões de treino, ainda que tal se verifique apenas num plano Micro e sem perda de referência relativamente ao plano Macro do jogar. Trata-se de uma **Redução Sem Empobrecimento**, em que as nuances ao longo dos vários dias vão conferir à operacionalização do processo uma maior incidência sobre níveis de organização diferentes do nosso jogar. Ainda a este respeito, importa ressaltar, que mesmo no dia em que estão mais presentes frações maiores do nosso jogar (Macro Princípios), se verifica a necessidade de Reduzir Sem Empobrecer em função das prioridades estabelecidas para

²⁷ Cf. Guilherme Oliveira, Anexo 1.

aquele Morfociclo e de modo particular para aquela sessão de treino. Na Periodização Tática não há lugar às tradicionais “peladas”. Por isso, mesmo a vivência dos Macro Princípios assume, pela configuração do exercício e pela intervenção do treinador, uma determinada dominância a qual permite que a vivência do jogar nesse dia se centre predominantemente nos aspectos que o treinador entende mais relevantes naquele ciclo entre jogos, moldando deste modo aquela unidade de treino com o intuito de registrar maior propensão de ocorrência de interações relativas a determinadas dimensões do nosso jogar, sem que contudo se perca as ligações ao todo. Uma fractalidade que sendo maior, também não leva à fatalidade. (MACIEL, 2012, p. 8)

Outro aspecto fundamental no processo do morfociclo padrão é a elaboração dos exercícios, os quais são feitos com base em critérios importantíssimos para a evolução do nível de desempenho coletivo da equipe. Portanto a meta é fazer com que os princípios subjacentes ao modelo de jogo da equipe sejam concretizados nas ações dos atletas ao longo dos distintos momentos da partida, porém sempre propiciando condições para autonomia dos mesmos (PIVETTI, 2012). Ainda para o autor:

No morfociclo padrão, há uma vivência hierarquizada dos princípios de jogo inerentes ao modelo a ser criado. A prática é hierarquizada uma vez que o nível de complexidade dos exercícios se altera durante a semana [...]. (p. 198)

Portanto, é notória a importância do Morfociclo Padrão no processo de operacionalização do jogar pretendido, e de acordo com Frade (2013a) sua compreensão “[...] de frente pra trás, de trás pra frente, da direita para esquerda, da esquerda para direita, de cima para baixo, de baixo pra cima [...]” é fundamental para o entendimento do que realmente se trata a Periodização Tática.

3 PRESSUPOSTOS PARA UMA PERIODIZAÇÃO DE JOGO

O ato de jogar vem sendo descoberto como um ferramenta de ensino capaz de proporcionar ao atleta a oportunidade de ir mais a fundo no sentido de conhecer sobre o esporte que pratica (compreensão pela sua natureza). Bateson (1999) diz que o jogo proporciona a estrutura para a ação. Ao jogar, o atleta encara a todo instante a natureza do jogo, a sua essência, sua imprevisibilidade, a qual se torna a grande responsável pelo aprendizado pretendido (Lizana. C, 2013).

Tal maneira de periodização é concebida a partir dos preceitos do paradigma emergente e seus respectivos autores/produtores/divulgadores como, Kuhn (2007), Alcides Scaglia, Riller Reverdito, entre outros. Tem como teoria de base do conhecimento a teoria interacionista, na qual Sanny Rosa (1994, p. 33) afirma que a tese "...interacionista, reconhece o conhecimento como resultante do sujeito (com todas as suas características hereditárias) com o meio (com todos os seus condicionantes sociais e culturais)."

Como referencial teórico de sustentação, possui a teoria e pedagogia do jogo e da complexidade, da cultura das brincadeiras de bola com os pés (SCAGLIA, 2003; 2005a, 2011), e as perspectivas teóricas que versam sobre o desenvolvimento ecológico e a teoria sistêmica. A sua operacionalização tem o JOGO como núcleo central de sua preparação, em que as suas dimensões (física, técnica, tática, psicológica, sociocultural, etc.) estão subordinadas à lógica do jogo.

O objetivo do processo de treinamento é o desenvolvimento da inteligência circunstancial individual e coletiva de jogo, resgatando a espontaneidade, criatividade e habilidade inerente ao atleta por meio das teorias mostradas e de sua rica cultura lúdica.

Destarte, a todo momento, ao longo da época desportiva, tanto no âmbito de formação, quanto no de especialização, o atleta é inserido em um ambiente de jogo-aprendizado, que irá direcioná-lo para uma constante busca de respostas requeridas pelo jogo e elucidação de sua lógica (procura do aprendizado pela compressão do jogo), valorizando a imprevisibilidade inerente à natureza da prática esportiva, promovendo desequilíbrios, levando à necessidade de novas aprendizagens, ou seja, proporcionando a participação ativa na busca por soluções de problemas.

3.1 DA PEDAGOGIA PARA O ESPORTE

De acordo com Scaglia (2011), para que possamos compreender as relações e interações entre aprender e ensinar esportes(Futebol), é fundamental refletirmos um pouco sobre o conceito de pedagogia. O mesmo autor defende que esta não se refere única e exclusivamente ao modo como se ensina (SCAGLIA, 2011). Fazendo uso das palavras de José Carlos Libâneo (1994, 2002) a área do

conhecimento e o alvo de investigação da pedagogia ultrapassam as premissas metodológicas e procedimentais, entretanto não as esconjuram.

Dessa forma, a pedagogia segundo as ideias de Libâneo (1994, p.24):

[...] é um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa.

De acordo com Schimied-Kowarzik (1983), a pedagogia é a ciência *da e para* a educação, à vista disso, torna-se a teoria e a prática da educação (LIBÂNEO, 2001). Ainda conforme o autor, a pedagogia possui um caráter explicativo, praxiológico e normativo de maneira simultânea, já que investiga teoricamente o fenômeno educativo, prescreve orientações para a prática, a partir da própria ação, e propõe princípios e normas relacionados aos fins e meios acerca da educação (*Ibidem*, 2001).

Pedagogia é, então, o setor do conhecimento responsável pela investigação sistematizada da educação - do ato de educar, da práxis educativa como componente integrante da vida humana, como fato na vida social, imanente ao bloco dos processos sociais (*Ibidem*, 2001). Posto isto, aspira-se entender que a pedagogia é uma teoria que se estrutura com base em uma ação, elaborada em detrimento de requisitos práticos, devotados na realização da ação e suas consequências (LIBÂNEO, 1994, 2002).

Diante dessas discussões, observamos que a pedagogia tem como características e finalidades, tratar dos objetivos e formas metodológicas e organizativas de transferência de saberes e modos de ação em detrimento da construção humana²⁸, logo, entendemos que a mesma deve ser vista como um "caminho refletido que leva à construção de conhecimentos, por meio de ambientes de aprendizagens, é evidente que, quando o conteúdo é esportes, deve-se primeiro pedagogizá-lo" (SCAGLIA, 2011).

De acordo com Scaglia, o processo de "pedagogizar" o fenômeno esporte, deve ser compreendido com uma intervenção confeccionada dentro de um processo

²⁸ Cf. Libâneo, 2001.

de ensino-aprendizagem (o jogo), que leve em consideração o atleta, desenvolvendo possibilidades para a construção desse conhecimento (objetivos previamente estabelecidos e definidos), inserindo e fazendo interagir o que o conhecimento inerente ao atleta, alargando-se assim, sua bagagem cultural e inteligência global (corpo inteiro), balizada intencionalmente pelo treinador (pedagogo).

Dessa forma, partindo das ideias de Jorge Olímpio Bento (1999, 2006, 2012, 2013), a Pedagogia do Esporte deve ser compreendida como uma *práxis* educativa centrada no esporte, em que suas ações intencionais revestem-se de requisitos pedagógicos, tendo como papel, segundo Matos (2006), a busca da resolução entre teoria e prática, norteando-nos para uma pragmática concepção do conhecimento.

Ainda para o autor, a concepção em questão nos transporta para uma ideia de que os movimentos esportivos não podem ser compreendidos como meros gestos motores, mas sim como ações compostas por desejos, sentidos e significados, podendo apenas ser estudada em um contexto caracterizado no mais amplo e profundo das ações humanas (MATOS, 2006).

Assim, antes de mais nada, ao falarmos sobre o esporte, no caso, coletivo como o futebol, precisamos entendê-lo como um JOGO, e como tal deve ser compreendido pela sua natureza complexa, sistêmica, caótica, imprevisível, aleatória.

3.2 FUTEBOL: ANTES DE TUDO UM JOGO COLETIVO

Segundo Scaglia (2005; 2011), o fenômeno jogo deve ser compreendido na perspectiva sistêmica e complexa, em que seu ambiente (contexto) decidirá o que é jogo ou não. Evidenciando, assim, a predominância da subjetividade em detrimento da objetividade, além de caracterizar seu estado. Ou seja, partindo do pressuposto de que entendemos o futebol a partir da ontologia do jogo. O principal elemento que fomenta esta colocação é a sua natureza como atividade, estase particulariza em detrimento do seu caráter livre, delimitada, regulamentada, incerta, improdutiva e fictícia²⁹).

²⁹ Cf. Leonardo; Scaglia; Reverdito, 2009; (Alves, 1987; Chateau, 1987; Marcellino, 1989; Eigen; Winkler, 1989, Callois, 1988, 1990; Brougère, 1998; Huizinga, 1999; Freire 2002; Kishimoto, 2002; Retondar, 2007; Gadamer, 2002, 2007.

- É uma atividade livre, que proporciona autonomia e liberdade para o jogador tomar a decisão de quando deseja jogar e joga, assim como quando não deseja mais fazê-lo e toma a decisão de parar, não aceitando a coesão exterior ao próprio jogo³⁰. O jogador é transportado para o mundo do jogo com intuito de entregar-se a sua incumbência enquanto jogo na busca de realizar enquanto êxito.³¹

- É delimitado por um tempo e espaço inerente. Diferentes da realidade em si, na qual a sua propriedade espaço-temporal é delimitada (CALLOIS, 1990), os atos são balizados e só possuem sentidos por convenções especiais (HUIZINGA, 1999). Contudo a realidade é apenas sobrepujada, ou seja, não é eliminada. O jogador joga com propriedades de sua vida corrente dentro de um ambiente (estrutura) fechado nele mesmo, onde este proporciona a consciência para jogador ter conhecimento de que jogo é joga e por isso joga (SCAGLIA, 2011).

- A indeterminação em relação ao resultado deve manter-se até o apito final. De acordo com Gadamer (2007) é justamente a presença da incerteza, fonte da autonomia e liberdade da tomada de decisão do jogador, que torna o jogo atrativo e igualmente, a liberdade incita no atleta a demanda para invenção (CALLOIS, 1990). A aleatoriedade, imprevisibilidade e tensão inerente ao jogo evidencia o ato de jogar (HUIZINGA, 1999).

- Na busca pelo realizar-se, pelo imaterial, a improdutividade, apesar de não gerar nada além de seus próprios êxitos, é colocada em movimento pelo espírito lúdico - liberdade de expressão (HUIZINGA, 1999).

- O jogo é fictício, está inserido em um ambiente com sua própria realidade, ou seja, é diferente da vida corrente. Entretanto, o fictício engloba propriedades desta, as quais proporcionam a consciência para o jogador saber que está apenas jogando. (BROUGÈRE, 1998; ALVES, 1987; KISHIMOTO, 1998).

³⁰ Cf. Scaglia, 2011.

³¹ Cf. Alves, 1987; Marcellino, 1989; Freire, 2002; Huizinga, 1999; Gadamer, 2007.

- O jogo só tem sentido por constituir-se carregado com regras. As quais podem ser arbitrárias, precisas, nem sempre explícitas, contudo são imprescindíveis e devem ser aceitas em sua natureza. Caso isso não aconteça, o jogo é modificado, para que então volte a possuir seu sentido. Destarte, para englobar-se a ele, o jogador deverá estar submisso às regras vigentes (EIGEN; WINKLER, 1989; CALLOIS, 1990).

É justamente a sua natureza como atividade, nesse caso nos jogos esportivos coletivos, que garantirá e sustentará o desejo do jogador de se entregar ao jogo.³²

Contudo, Scaglia (2003) e FREIRE (2002) alertam que nem tudo é jogo, e salientam que suas características se evidenciam como estruturas para ação, isto é, o ambiente (contexto) será o grande responsável pela determinação do que é ou não jogo. E é exatamente o desejo de jogar que irá proporcionar e garantir que tal ambiente seja também de trabalho (SCAGLIA, 2011).

Ainda, conforme o autor, à medida que o jogador está em estado de jogo (entregou-se a ele), irá mobilizar recursos (competências e habilidades) acessíveis para jogar cada vez melhor (obter êxito e valorização da excelência). Por exemplo, a seriedade do atleta no ato de esportivo é exigida a todo tempo pela natureza da atividade que pratica, caso isso não aconteça, deixa de ser jogo (*Ibidem*, 2011).

Ao falarmos da seriedade, podemos mencionar Callois (1990) o qual salienta em sua obra 'os jogos e os homens', que esta caracteriza a maneira de jogar e está hierarquizada em dois polos antagônicos, porém complementares. A *paidia* que se caracteriza pela forma de excitação para e pelo jogo, isto é, na sua manifestação mais simples, a qual ocorre com primazia a diversão, improviso, inquietação imediata, excessiva liberdade, assinalada por impulso para obstáculos gratuitos e demanda de agitação e o *ludus* o qual é caracterizado por regras e tem como papel principal o controle e disciplina da *paidia*, prevalecendo a subordinação às regras e convenções - intenção civilizadora, marcada por valores intelectuais e morais (REVERDITO, 2011).

De acordo com Scaglia et al (2011), a *paidia* decresce enquanto o lúdico cresce em uma dimensão de verticalidade. Contudo, isso não quer dizer que um elimina a outro, pelo contrário, é justamente a manutenção do polo da *paidia* que proporciona liberdade pioneira (fuga da realidade, repouso, devaneio) de expressão,

³² Cf. Reverdito, 2011; Scaglia, 2011

fonte e a existência do jogo em sua configuração mais complexa, estruturada e organizada, isto é, como o *ludus*.

Assim, a separação do que é jogo ou do que é trabalho é inexistente, pois é nesta dinâmica dos polos de Callois que ocorre a congruência entre aquele (natureza da atividade) e este (busca pelo êxito do jogo), na qual garantirá um ambiente de aprendizagem significativo (busca da excelência) (SCAGLIA, 2005, 2011).

Levando isso em conta, uma metodologia com objetivos pedagógicos pautados em situações de jogo, demandará do treinador a cautela para a criação e manutenção de um ambiente, em que planos pedagógicos sejam norteados através da natureza do jogo (*Ibidem*, 2011).

Entretanto, o autor alerta, ainda, para o fato de que isso não significa jogar por jogar, assim, é notório a importância da presença de uma pedagogia do jogo, onde esta, terá como função a garantia de um ambiente de aprendizagem em que os procedimentos e objetivos pedagógicos sejam conquistados conforme os jogadores vão mobilizando suas competências e habilidades (ato de jogar) no intuito de descobrir e compreender cada vez mais a lógica do jogo (obtenção do êxito) (*Ibidem*, 2011).

3.3 A PEDAGOGIA DO JOGO

Quando falamos em uma 'pedagogia do jogo', estamos tratando-a por meio da perspectiva das novas tendências em Pedagogia do Esporte e suas propriedades, como processo organizado, estruturado, aplicado e avaliado para a transmissão do conhecimento (aprendizagem) através da vivência esportiva, levando em consideração o cenário, os personagens, os significados e finalidades³³

Nesse sentido, ao aplicar uma Pedagogia de Jogo, não significada, ou seja, aplicar jogos de forma aleatória, em que não haja nenhuma responsabilidade, esforço e trabalho, algo que é característico da pedagogia lúdica, além de se reconhecer neste um ambiente de aprendizagem, é fundamental a presença de

³³ Cf. Paes, 2001; Galatti, 2006, 2010; Reverdito; Scaglia; Paes, 2013.

propósitos previamente estabelecidos, para que assim, torne-se possível a formação de um local de aprendizagem significativo³⁴.

De acordo com Scaglia (2011) o jogo proporciona e fomenta motivos para a ação, isto é, exige dos jogadores a mobilização de suas competências e habilidades para jogá-lo cada vez melhor (elucidação de sua lógica). Assim, no reconhecimento do jogo como conteúdo, veículo e metodologia, o desejo de jogar melhor irá garantir o ambiente de aprendizagem.

Dessa forma, a definição de conteúdos para aprendizagem norteados pelo jogo, leva em consideração que o desejo de jogar deverá ser mantido durante todo o processo, reportando-nos para a necessidade de conhecer a natureza das interações que definem a lógica inexorável de cada jogo, as quais condicionam características singulares (irredutíveis) e, do mesmo modo, mantém a configuração estrutural do sistema (SCAGLIA, 2011).

3.4 A LÓGICA DO JOGO

Todos os jogos possuem uma lógica. De acordo com Freire (2002b), isso é inerente a eles. Leitão (2004) diz ainda que, conhecê-la e entendê-la, proporciona ao jogador a possibilidade de intervir com maior precisão. no jogo.

Essa lógica, uma vez que não pode ser modificada ou manipulada, leva o jogador a sua imersão, e, portanto, a jogar sob sua influência. Conhecer as propriedades que orientam a lógica do jogo, traz ao atleta a possibilidade de saber quando este se aproxima e afasta-se dela, municiando assim um ambiente em que o mesmo tenha mais controle e possa gerir de uma maneira mais precisa, e, portanto, aproximando-o cada vez mais da vitória³⁵.

Para Leitão (2007), "O Futebol é um jogo de grande complexidade de ações e como pode ter a sua Lógica compreendida [...] devemos buscar o entendimento de detalhes que desencadeiam situações que possam efetivamente aumentar as chances de fazer gols".

A lógica do jogo provém das interações entre as referências estruturais e funcionais, em detrimento do embate de objetivos inerentes a ele.³⁶ (. Além disso, as referências estruturais se constituem através dos elementos formais que compõem os jogos esportivos coletivos, isto é, qualquer deles é composto por: companheiros,

³⁴ Cf. Scaglia, 2005, 2011..

³⁵ Cf. Lizana. C, 2013.

³⁶ Cf. Bayer, 1994; Scaglia Et Al., 2013.

adversários, bola/implemento, um alvo a atacar e um alvo a defender, espaço e regras. Tais referências são determinadas em função da posse ou não da bola/implemento em duas dimensões, sendo: princípios operacionais - sequências de ações (eventos) no embate de objetivos; regras de ação - ação prioritária circunstanciada pelo contexto (situação de jogo) (SCAGLIA *et al.*, 2013).

Outro fator que, segundo o autor, determina a lógica do jogo é seu caráter relacional (interações), que é responsável por desvelar as propriedades primordiais que emanam das relações entre os seus constituintes. As referências estruturais e funcionais, ainda que reconhecidas como constituintes (partes), foram compostas juntas (totalidade integrada). Assim, enquanto um sistema complexo, não importa qual modificação, aquisição ou perda sofrida pelos constituintes nos seus mais variados graus de complexidade, o sistema como um todo será influenciado (*Ibidem*, 2013).

Além das referências elucidadas acima e seu caráter relacional, o sentido da ação também é um aspecto responsável por definir a lógica do jogo. O sentido da ação se dá na marcação mais gols/pontos do que sofrer em relação a equipe adversária (*Ibidem*, 2013).

Dessa forma, entender a lógica do jogo, suas sequências de ações, será catalisado devido à compreensão do processo organizacional sistêmico dos jogos³⁷. De acordo com Scaglia (2003, 2005, 2011), existe um padrão organizacional no interior da Família dos Jogos Esportivos Coletivos. O padrão com que tal autor se refere, não é visto como uma "camisa força" ou modelo estereotipado de padronização, clássicos dos sistemas mecânicos fechados, mas sim, um padrão que provém das premissas de Humberto Maturana e Francisco Varela (1997, 2001), além de outros estudiosos que fomentam e defendem pressupostos sistêmicos como Gregory Bateson (1999) e Von Bertalanffy (2008).

3.5 O PADRÃO ORGANIZACIONAL SISTÊMICO DOS JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS

A ideia de padrão organizacional foi elaborada com o intuito de explicitar o conceito de *Autopoiesi* (autorregulação), no que diz respeito à Maturana e Varela

³⁷ Cf. Scaglia, 2003.

(1997, 2001) termo de que se vale para representar a autoprodução, caracterizando o sistema como dinâmico o suficiente para sua autogestão, isto é, autônomo (SCAGLIA *et al.*, 2013).

De acordo com Maturana e Varela (2001, 1997), o padrão organizacional sistêmico do ser vivo, instituído através do conjunto de interações de suas estruturas, produz novos componentes (emergências), assim fazendo-os como máquinas autopoieticas, ou seja, aquelas organizadas, como sistemas de processos de geração de componentes relacionados e em constantes interações, de forma a se autoproduzirem por meio de processos contínuos de interações e transformações (*Idem*, 2011).

Nesse sentido, as relações e interações que determinam as propriedades essenciais de um sistema qualquer, configuram o seu padrão organizacional³⁸, isto é, a presença de certas interações para que algo seja reconhecido como um carro, uma moto, um jogo de basquete, handebol ou futebol, é obrigatória. Maturana e Varela (2001; 1997) acrescentam que, qualquer padrão organizacional pode ser explicado, pautando-se nas relações entre os seus constituintes (partes) e as regularidades de suas interações, de forma a evidenciar sua configuração (organização).

À vista disso, as estruturas de um sistema englobam determinado padrão organizacional, enquanto suas interações irão formar componentes (emergências) constantemente distintas, contudo é fundamental ter a consciência de que essas novas propriedades não tendem a descaracterização do sistema.³⁹

De acordo com Scaglia (2005, 2011) o padrão organizacional dos jogos desportivos coletivos é tido como um processo dinâmico e irreversível, de forma crescente espiralada, imerso no interior das unidades complexas (jogos), em detrimento da interação entre as estruturas sistêmicas (condições externas, regras, jogadores e seus esquemas motrizes), buscando a sua constante organização. Ou seja, o jogo enquanto sistema caótico, demanda contínuas organizações, no intuito de alcançar a ordem do sistema, entretanto, no jogo - por sua tendência ao caos - , assim que uma ordem é estabelecida (resposta para um problema do jogo), simultaneamente, uma nova desordem é desencadeada (SCAGLIA *et al.*, 2013).

Dessa forma, o jogo entendido enquanto sistema complexo é provido de um princípio organizador, sendo ele notabilizado perante uma cadeia de acontecimentos cíclicos, que se repetem sempre em graus superiores,

³⁸ Cf. Scaglia *et al.*, 2013.

³⁹ Cf. Scaglia, 2011.

consequentemente, elevando a complexidade do sistema e produzindo a diversidade⁴⁰. Scaglia acrescenta que o princípio em questão, norteia os jogadores para novas aquisições de conteúdo (patamares de conhecimento) conforme vão construindo e pondo a prova suas soluções (respostas para o jogo).

Portanto, a organização gera, ao mesmo tempo e o tempo todo, transformações (novas configurações) e formações. A organização constrói novas configurações do sistema (todo) em função das interações, relações e transformações das partes, isto é, o padrão organizacional evidencia o processo de organização, responsável por formar novas realidades no espaço e no tempo⁴¹.

3.6 O PRINCÍPIO E O PROCESSO ORGANIZACIONAL DOS JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS

Reconhecemos o jogo, a partir dos pressupostos sistêmicos, em que este é um sistema, envolto por um ambiente complexo e que possui um princípio organizador, responsável pela formação de graus de dificuldade superiores e novas aquisições ao sistema, é o mesmo que estabelecer a condição de que todo jogo se inicia por meio de um processo de incerteza e desordem, desse modo pautando-se em Morin, tal fenômeno é a representação viva do tetralógico: ordem-desordem-interação-organização.⁴² De acordo com Scaglia (2011), o jogo pressupõe e estimula um processo organizacional no interior do sistema através de seu princípio organizador. Em relação aos Jogos Esportivos Coletivos, é possível destacar o processo organizacional por meio de uma relação dialógica entre as estruturas padrões da unidade complexa destes.

Assim, através das configurações engendradas por meio das interações entre as estruturas padrões (jogadores, esquemas motrizes, condições externas e regras), a imagem de um tetragrama é formada, a qual é criada e fomentada pelas inter-relações provenientes das estruturas de um sistema complexo (qualquer jogo coletivo), gerando novas qualidades (condutas motoras específicas), que irão por mecanismo de retroalimentação proporcionar novas configurações ao sistema aberto (unidade complexa) e o ecossistema em sua totalidade (Família dos Jogos Esportivos Coletivos)⁴³.

⁴⁰ *Idem* 2005;2011.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Idem* 2003,2005 e 2011

⁴³ *Scaglia* 2003,2005 e 2011.

Ao reconhecermos os Jogos Esportivos Coletivos como sistemas complexos, devemos assumir as ideias de Von Bertalanfy acerca da Teoria Geral dos Sistemas, isto é, todo arranjo ecológico evidencia duas tendências: a integrativa (parcela de dependência advém de algo maior - dependente de interações sendo expressa pelos jogadores e seus esquemas motrizes; a auto-afirmativa - evidencia a autonomia, caracteriza-se pelas singularidades que diferenciam um jogo de outro, sendo representadas por meio das condições externas e regras⁴⁴. O mesmo autor alerta que, apesar destas tendências serem antagônicas, as mesmas não se aniquilam, pelo contrário, são complementares, caracterizando as unidades complexas (*Ibidem*, 2011).



Figura 1: Processo Organizacional Sistêmico dos Jogos Esportivos Coletivos adaptado de Scaglia (2011, p. 171)

Posto isto, a busca contínua para a solução dos problemas proporcionados pelo jogo dependerá e será sustentada por meio das interações entre as regras que regem o sistema, das condições externas (terreno de jogo) onde este é realizado, do nível de entrega àquele fornecido pelo jogador, utilizando-se de seus esquemas motrizes (*Ibidem*, 2011).

Scaglia acrescenta ainda que, à medida que no jogo a desordem é desencadeada por meio das interações entre as suas estruturas padrões, uma nova estrutura organizacional vai sendo configurada, após o estabelecimento de uma nova ordem, simultaneamente, uma nova desordem é provocada.

⁴⁴ Idem, 2011.

Portanto, Scaglia *et al.* (2011) advertem para o fato de que compreender o processo organizacional sistêmico das unidades complexas (Jogos Esportivos Coletivos) torna-se um passo fundamental na formação do treinador/professor, pois, de uma forma didática, permite-se compreender, na ótica sistêmica, que alterações ínfimas nas estruturas básicas do sistema, causarão profícuas transformações nele como um todo.

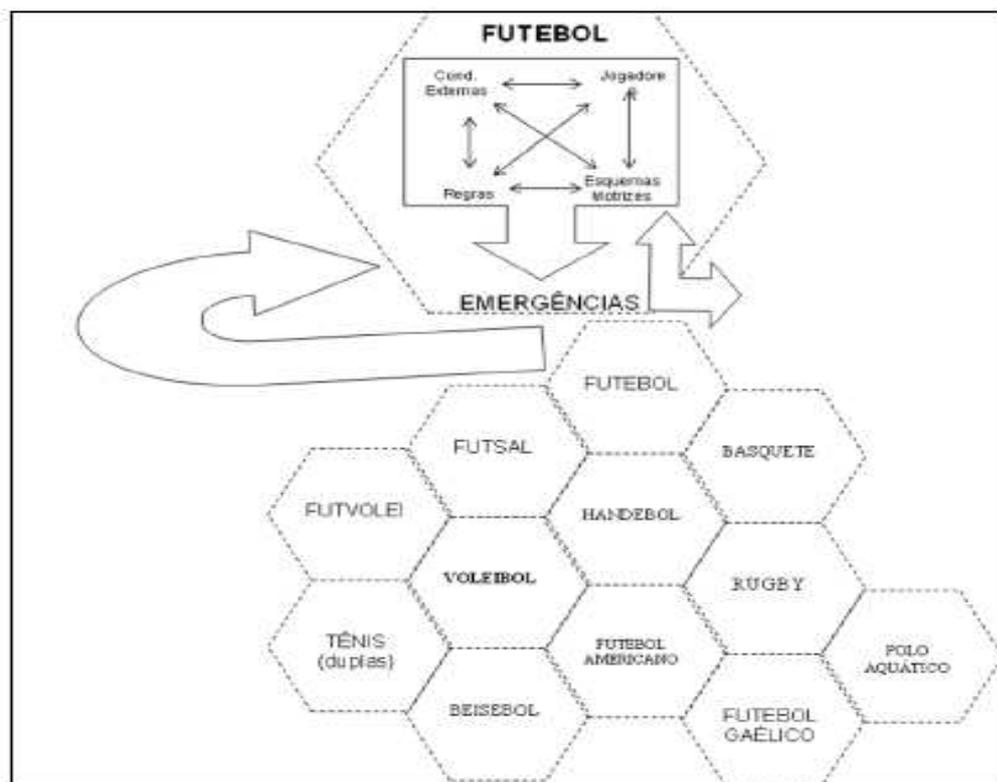


Figura 2: Rede complexa da Família dos Jogos Esportivos Coletivos (SCAGLIA, 2003, p. 133)

Logo, como cada unidade complexa faz parte de um sistema maior, as novas qualidades (emergências) geradas pelas interações de suas estruturas padrões, são disseminadas, produzindo novas configurações cíclicas em toda teia de jogos, evidenciando dessa forma, um grande ecossistema (Família dos Jogos Esportivos Coletivos) conectado através de uma complexa rede de unidades (*Ibidem*, 2011).

3.7 UMA METODOLOGIA PAUTADA NO JOGO

Com base nos conceitos apresentados até aqui (pedagogia do jogo, ambiente de jogo, natureza do jogo, lógica do jogo, referências estruturais e funcionais e o processo organizacional sistêmico dos Jogos Esportivos Coletivos), pode-se iniciar um processo de construção direcionado para uma metodologia pautada no ambiente de jogo para o ensino das práticas esportivas coletivas, em que se valorize a existência de alguns pressupostos como: representação para os personagens do jogo; que evidencie a todo momento a imprevisibilidade inexorável da natureza do jogo; provoque instabilidades, proporcionando novas aprendizagens; possibilite desafios que valorizem a presença ativa na procura por resoluções de problemas (*Ibidem*, 2011).

Pensando no cumprimento da lógica do jogo (marcar mais gols do que sofrer) por meio das interações das referências estruturais e funcionais, lembrando que ambas foram tecidas conjuntamente às circunstâncias da ação, e, respaldando-se no processo organizacional sistêmico dos jogos esportivos coletivos, permitem-se desenvolver matrizes de jogos, cujo papel será auxiliar no processo de organização e gerenciamento do planejamento pedagógico (currículo de formação), a partir das competências e habilidades exigidas pelo jogo e o desejo da obtenção do êxito (jogá-lo cada vez melhor - elucidação da lógica do jogo) (SCAGLIA *et al.*, 2013).

Para Scaglia (2011), quando falamos em competências exigidas pelo jogo, estamos nos referindo ao poder fazer, logo, assume-se que todos são capazes e competentes para realizar as ações essenciais do jogo, ou seja, são capazes de jogar o jogo. Além disso, tais competências essenciais, são adaptadas das ideias defendidas por Garganta (1995), referindo-se à estruturação do espaço, comunicação na ação e à relação com a bola. À vista disso, devemos reconhecer que, todos os jogadores bem ou mal, estruturam o espaço, se comunicam na ação e mantêm certa relação com a bola⁴⁵

O autor acrescenta, ainda, que é necessário desenvolver certas habilidades para tornar-se mais competente, as quais nos remetem ao como fazer, isto é, como estruturar espaço, comunicar-se na ação e preservar adequada relação com a bola, alertando que esta última não se resuma em adestramento técnico, ou seja, ao longo do processo a tática (razões de fazer) deve condicionar a técnica (como fazer).

Por exemplo, manter certa relação com a bola em um mesmo tipo de terreno (gramado) é relativamente fácil, mas a partir do momento em que ocorre uma

⁴⁵ Cf. Scaglia, 2011.

grande variação do terreno de jogo (concreto, sintético, taco, terra), isto requer muita habilidade dos jogadores.

Scaglia salienta também que, as competências essenciais devem ser evidenciadas por meio de diferentes etapas ao longo de um processo de treinamento (aprendizagem) ou ciclos de formação. Assim, surge a necessidade de estruturá-las e organizá-las em competências gerais, específicas e contextuais.

O autor divide tais competências da seguinte forma:

Competências Gerais: Competências essenciais que podem ser encontradas em todos os jogos coletivos. Partindo dos estudos de Claude Bayer (1994), tais capacidades assentam-se nos princípios comuns em todos os jogos coletivos, os quais são passíveis de transferência de um para outros em detrimento de suas exigências análogas, evidenciando e sustentando a ideia de Família dos Jogos Esportivos Coletivos.

Competências Específicas: Manifestações específicas das 'competências essenciais' em função das especificidades exigidas por cada jogo coletivo. Assim, diferentemente das competências gerais que valorizam as semelhanças entre as unidades complexas, as específicas evidenciam as diferenças. Scaglia (2011) menciona: *"é aqui que futsal não é um jogo de futebol em campo reduzido; muito menos rebatida, bobinho, gol caixote, etc..."*.

Competências Contextuais: Manifestações das 'competências essenciais' que dizem respeito à preparação para o jogo formal, além das competições regidas pelo esporte, por exemplo, no futsal, nessa etapa, serão ministrados jogos que priorizam a lógica formal. Diante de tais conceitos, com objetivo de materializar uma metodologia pautada no jogo, Scaglia et al (2013) e Reverdito; Scaglia; Montagner (2013) propõem como matrizes de jogos: Jogos Conceituais, Jogos Conceituais em Ambiente Específico, Jogos Específicos e Jogos Contextuais. Tais tipos podem ser definidos da seguinte forma:

Jogos Conceituais: São aqueles cujas referências estruturais (bola, alvo a atacar e alvo a defender, tamanho de campo, entre outras invariantes) e funcionais (princípios operacionais e regras de ação) são amplamente manipuladas em detrimento de objetivos pedagógicos previamente estabelecidos, isto é, não respeitam a lógica formal do jogo pretendido. Portanto os conteúdos expressados ao longo do processo de organização são variados, produzindo infinitas ações

conceituais presentes em todos os jogos esportivos coletivos, e não somente naquele que se pretende ensinar (futebol).

Jogos Conceituais em Ambiente Específico: Jogos cujas referências estruturais respeitam aquelas do jogo pretendido (tamanho de campo, bola e alvos a atacar e defender). Neles, os conceitos evidenciados e aprendidos nos Jogos Conceituais serão inseridos em um ambiente formal, buscando sua aplicação dentro de uma estrutura semelhante ao do formal. Entretanto, ainda há a alteração no que diz respeito à essa lógica, pois o processo organizacional sistêmico conceberá ações distintas exigidas pelo jogo formal escolhido, proporcionando diferentes formas de obtenção de pontuação provindas das manipulações das regras.

Jogos Específicos: Nesse tipo, referências estruturais e funcionais são preservadas na íntegra no que diz respeito à lógica do jogo pretendido. À vista disso, equiparam-se a jogos formais (regras oficiais) dos quais os conceitos desenvolvidos pertencem a um modelo de jogo (envolve plataforma de jogo, meios táticos, entre outros) previamente estabelecido.

Jogos Contextuais: Jogos cujas referências carregam relações diretas com a competição formal. Isto é, tem como consideração informações sobre a equipe adversária e o modelo de jogar da própria equipe. Destarte, os jogos amistosos e os jogos oficiais, são considerados todos contextuais, sendo fundamental, serem entendidos como conteúdos que necessitam pertencer ao planejamento.

Diante disso, Leonardo; Scaglia; Reverdito (2009) aponta que uma metodologia para o ensino do futebol (jogo esportivo coletivo) deve carregar como referenciais teóricos os pressupostos sistêmicos, universo dos jogos, a família daqueles com bolas nos pés, entre outros, pois cada unidade complexa está presente simultaneamente em todos os outros tipos, ou seja, estes estão, de forma relativa inseridos em cada um, preservando suas singularidades e ambientes distintos, produzindo uma ampla rede de novas aquisições no mais variados graus de complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"...impõe-se uma periodização mais ajustada, em que se dedique mais atenção à análise dos aspectos estruturais e formais do jogo formal".(GARGANTA, 1993)

Após toda a sistematização e apresentação das diferentes concepções acerca das metodologias do processo de treinamento, além de apresentar uma nova metodologia de treino ainda em construção, que tem como objetivo, o desenvolvimento (subordinado à lógica do jogo) da inteligência circunstancial individual e coletiva sempre em contexto de prática esportiva, resgatando a espontaneidade, criatividade e habilidade inerente do atleta por meio de seus referenciais teóricos (pressupostos ecológico-sistêmico, teoria e pedagogia do jogo, teoria da complexidade, entre outros) e de sua rica cultura lúdica.

Fica mais que evidente, a busca de teorias melhor adaptadas ao estado contemporâneo do conhecimento, em que estas, para alcançar certa estabilização, passam pelo processo de ultrapassagem de ideias antigas, e presas a velhos paradigmas.

Observamos que, cada vez mais, evidencia-se uma procura por metodologias que englobem a natureza complexa do fenômeno (jogo), que entendam-no como uma estrutura para ação, detentor de propriedades com interações singulares que, por sua vez, emanam apenas em um contexto de jogo, fomentando-se assim uma aquisição de conteúdos significativa, caracterizando a premissa do "jogar para aprender".

À vista disso, fazendo-se de metodologias pautadas em jogos, torna-se imprescindível considerar os objetivos que se almejam aprender e o contexto de jogo em que estes estão inseridos, remetendo-nos para os ditos ambientes de jogo e aprendizagem significativos, pois sem a presença dessa restrição, corre-se o risco deste ser usado de maneira ineficaz, tornando-o simplista, e, conseqüentemente, impedindo o ganho de novas aprendizagens.

Assim, gostaríamos de concluir o texto como começamos, reforçando a ideia defendida por Popper citada por Morin (1982), no intuito de nos alertar para o constante processo evolutivo acerca das teorias científicas. *"A evolução científica vem a ser a de uma seleção natural em que as teorias resistem durante algum tempo não por serem verdades, mas por serem as mais bem adaptadas ao estado contemporâneo dos conhecimentos"*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. **O equilíbrio dinâmico estrutural em organização ofensiva no futebol: A Organização Estrutural e suas diversas Formas Articuladas pela Linguagem Específica da Equipa.** 2009. Monografia (licenciatura em Educação Física)-Faculdade de Desporto, Porto: Universidade do Porto, , 2009.
- _____. **A lógica do jogo de futebol.** 2007d. Disponível: <<http://www.universidadedofutebol.com.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2014.
- ALVES, F. **Planejamento e periodização no treino desportivo.** Documento de apoio ao Mestrado em Treino do Jovem Atleta. Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. 2004.
- ALVES, R. **A gestação do futuro.** Campinas, SP: Papyrus, 1987.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind.** Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos.** Lisboa: Dina Livros, 1994.
- BENTO, J. O. **Pelo regresso do desporto: ensaio epistemológico.** In: BENTO, J. O; MOREIRA, W. W. **Homo Sportivus.** Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012.
- BENTO, J. O. **Contextos e perspectivas.** In: BENTO, J. O; GARCIA, R.; GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do desporto.** Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- BENTO, J. O. **Desporto: discurso e substância.** Belo Horizonte: Casa da Ed. Física/Ed. UNICAMP, 2013.
- BENTO, J. O; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.
- BOMPA, T. **Periodization: theory and methodology of training.** 4. ed. Kendall/Hunt. Iowa: 2002
- BROUGÈRE, Gilles. **O jogo e a educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BURKE, I.; HAWLEY, J. **Fluid balance in team sports – guidelines for optimal practices.** *Sports Medicine*, v. 24, n. 1, p. 38-54. 1997.

CAILLOIS, R. **O homem e o sagrado.** Lisboa: Edições 70,1988.

_____. **Os jogos e os homens.** Lisboa: Cotovia, 1990.

GRANEIL, J. C.; CERVERA, V. R. **La Pianificacion del entrenamiento Deportivo Conceptos e modelos de desarrollo.** *In: Teoria e Planificacion del Entrenamiento Deportivo.* Barcelona: Editorial Paidotribo. 2001.

CAMPOS, C. **A singularidade da intervenção do treinador como a sua impressão digital na justificação da periodização tática como uma fenomenotécnica.** Monografia não publicada, Porto: Faculdade do Desporto da Universidade do Porto, 2007

CAMPOS, C. **A justificação da Periodização Tática como uma fenomenotécnica – A singularidade da INTERVENÇÃO DO TREINADOR como a sua impressão digital.** Espanha: MC Sports. 2008.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos** (Tradução de N.R. Eicheberg). 10ª reimpressão. São Paulo: Editora Cultrix., 2006.
CARRILHO, M. **Epistemologia: posições e críticas.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian., 1991

CASTELO, J. **Futebol. Modelo técnico-tático do jogo.** Lisboa: Ed. FMH., 1994.

_____. **O exercício de treino. O acto médico versus o acto do treinador.** *Ludens*, v. 1, n. 17, p. 35 – 54. 2002.

_____. **Futebol. Conceptualização e organização prática de 1100 exercícios específicos de treino.** Lisboa: Visão e contextos. 2006

_____. **Futebol – a organização do jogo.** *In: F. Tavares (Ed.). Estudos 2 – estudo dos jogos desportivos, concepções, metodologias e instrumentos.* Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Miltitema, 1999, p. 41-49.

CEREZO, C. R. Hacia una concepción más integral del entrenamiento en el fútbol. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 5, n. 19, 2000.

CHATEAU, J. **O jogo e a criança.** São Paulo: Summus, 1987.

CORREA, D. *et al.* (2002). Excelência na produtividade: a performance nos jogadores de futebol profissional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 2, p. 447-460, 2002.

COURT, J. As novas teorias de planeamento de treino. **Revista Atletismo**, v. 122, p. 28-29, 2002.

CUNHA E SILVA, P. **O lugar do corpo. Elementos para uma cartografia fractal.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

DANTAS, E. **A prática da preparação física.** 4. Rio de Janeiro: ed. Shape. 1998.

DESCARTES, R. **Discurso do Método.** 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

DICK, F. **Períodización del ano del atleta.** Aptitud física y salud. São Paulo: 1988.

DURAND, D. (1979). A sistémica. **Colecção Fundamental das Ciências Humanas.** Dinalivro.

EIGEN, M.; WINKLER, R. **O jogo: as leis naturais que regulam o acaso.** Lisboa: Gradiva, 1989.

FARIA, R. **Periodização Tática – Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol.** *Dissertação de Licenciatura.* FCDEF-UP, Porto, 1999.

SEGUI. J. F. **Periodización y planificación del entrenamiento del futbolista moderno.** Madrid: Esteban Sanz M., 1981.

FERREIRA, D. **A importância de uma modelo de jogo no futebol - A especificidade vista como um veículo catalisador de todo o processo de treino.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2010.

FERREIRA, J.; QUEIROZ, C. Futebol – da formação à alta competição. **Ludens**, v. 3, n. 6, p. 65 – 73. 1982.

FRADE, V. M. da C. **Alta competição no futebol: que exigências de tipo metodológico.** Porto: ISEF. 1985.

_____. Prefácio. IN: PIVETTI, B. M. F. **Periodização tática: o futebol arte alicerçado em critérios.** São Paulo: Phorte, 2012, p. 19

FREIRE, J. B. **Teoria do jogo.** Aula do curso de especialização em pedagogia do esporte da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Campinas, 2002b.

_____. **Jogo: entre o riso e o choro.** Campinas: Autores Associados, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2007.

_____. **Verdade e Método II: complementos e índice.** Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2002.

GAITEIRO, Bruno R. V. N. **A Ciência Oculta do Sucesso! Mourinho aos Olhos da Ciência.** Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Portugal, 2006.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem de jogos esportivos coletivos.** 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

_____. **Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol.** 2010. 305f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GALDÓN, O. *et al.* **Manual de educação física. Técnicas e actividades práticas.** Barcelona: Ed. Oceano. (Vol. 4).. 2002.

GARGANTA, J. Planeamento e periodizacao do treino em futebol. **Revista Horizonte.** v. 7, n. 42, p. 196-200. 1991.

_____. (1993). Programação e Periodização do Treino em Futebol: das Generalidades à Especificidade. In J. Bentos & A. Marques (Eds), *A Ciência do Desporto, a Cultura e o Homem*: 259 – 270. Porto: FCDEF-UP.

_____. (1998a). Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos. Uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. **Horizonte**, vol. XIV, n.º 83, 7–14.

_____. (1998b). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), **O ensino dos jogos deportivos**, 3ª Ed. (pp. 11 – 26). Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, FCDEF-UP.

_____. (2003). Fútbol: del juego al entrenamiento, del entrenamiento al juego. **Training Fútbol**, 85, 14 – 17.

_____. Atrás do Palco, nas Oficinas do Futebol. In Júlio Garganta, José Oliveira e Maurício Murada (Eds.), *Futebol: de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo* (pp. 228 – 234). Porto: FCDEF-UP.

_____. **Modelação Tática no Jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento.** Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Portugal, 1997.

_____. Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos. In. GRAÇA, A. B. S.; OLIVEIRA, J. (Orgs.). **O Ensino dos Jogos Desportivos.** Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos - FCDEF-UP, 1995, p.11-25.

GARGANTA, Júlio; CUNHA E SILVA, Paulo. O Jogo de Futebol: Entre o Caos e a Regra. **Revista Horizonte**, Volume XVI, Nº91, p. 5 – 8. 2000.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade? **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 40 – 50. 1999/1.

GIERE, R. A natureza da ciência. Uma perspectiva iluminista pós moderna. **Colóquio/Ciências**, v. 6, p. 72 – 84. 1989.

GOMES, A. **Treinamento desportivo: estruturação e periodização.** Porto Alegre: Ed. Artmed., 2002.

GOMES, M. **Do pé como técnica ao pensamento técnico dos pés dentro da caixa preta da periodização tática – um estudo de caso.** Porto: M. Gomes. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto, 2006.

GOMES, M. S. **O desenvolvimento do jogar segundo a periodização tática.** Espanha: MC Sports, 2008a..

OLIVEIRA, J. G. **Conhecimento específico em futebol – contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo;** Dissertação de Mestrado (não publicado); FCDEF-UP; Porto. 2004.

_____. **Apontamentos das aulas de opção em futebol – planificação e periodização do treino.** Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Não publicado. Portugal, 2012a.

HARRE, D. **Traininglehre.** Berlin: Sport Verlag. 1975.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira, 1998.

_____. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 2002.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

LEITÃO, R. A. A. **Futebol:** análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos de jogo. 2004. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.

LIBANEO, J.C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Pedagogia, pedagogos, para que?** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Pedagogia dos pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2074/1726>. Acesso em: 4 Fev. 2014.

LOPEZ, M. L; LOPEZ I.; VELEZ, C. D. Planificación y periodización de una temporada en un equipo de fútbol profesional. **Training Fútbol**, v. 51, p. 27- 39. 2000.

MACIEL, J. **A(In)(Corpo)r(Ação) Precoce dum jogar de Qualidade como Necessidade (ECO)ANTROPOSOCIALTOTAL - Futebol um Fenómeno AntropoSociaTotal, que primeiro se estranha e depois se entranha e ...**

logo,logo, ganha-se!. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Portugal, 2008.

MACIEL, J. Entrevista. In: ESTEVES, L. **Metodologia, treino e ideias sobre futebol**. Porto Alegre, 2011b – Disponível em <http://www.organizacaodejogo.blogspot.com.br/search/label/Entrevista>. Acesso em: 18 jun. 2014.

MACIEL, J. **Espiral de AutoRenovação e Lei de Roux – Uma Perspectiva Diferente**. Artigo não publicado. 2011b.

_____. **O Modelo de Jogo!?** “uma pessoa capta a ideia e vai”... Revista Treino Científico. No 7. Março/Abril, 2012a.

MANSO, J. M. G.; VALDIVIELSO, M. N.; CABALLERO, J. A. R.(1996). **Planificación del Entrenamiento Deportivo**. Madrid: Ed. Gymnos.. 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus, 1989.

MATOS, Z. **Contributos para a compreensão da Pedagogia do Desporto**. In: TANI, G. BENTO, J. O; PETERSEN, R. D. S. Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MATURANA, H. VARELA, F. J. **“De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo”**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. “A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.” São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MCFARLANE, B. **Princípios básico de la periodización dei entrenamiento deportivo**. Buenos Aires: Stadium,, 1986

MEINBERG, E. Training: a special form of teaching. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 4, n. 2, p. 115 – 123. 2002.

MONTENEGRO, A. J. S. **A necessidade de aumentar a densidade de princípios de (INTER)acção na construção complexa de cada jogar. Um olhar diferente sobre o basquetebol. Um estudo de caso**. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Portugal, 2008.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1982.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Publicações do Instituto Piaget, 1990.

MOURINHO, J. Entrevista à revista. **Times**, n. 41, p. 5-6, mar. 2006.

OLIVEIRA, B. **Um embuste, a qualidade do futebol italiano? Um novo ponto de partida: a estrutura acontecimental da carga versus desempenho: como caminho da coincidência à não-coincidência ou da verdade ilusão à verdade iludida**. Dissertação de Licenciatura. FCDEF-UP, Porto, 2002.

OLIVEIRA, B. *et al.* **Mourinho: porquê tantas vitórias?** Editora Lisboa/ Portugal: Gradiva. 2006.

OLIVEIRA, J. Organização do jogo de uma equipa de Futebol. Aspectos metodológicos na abordagem da sua organização estrutural e funcional. IN: **Jornadas Técnicas de Futebol + Futsal**. Vila Real: UTAD. 2003.

OLIVEIRA, J. Ente o sonho e a realidade, um mundo de expectativas e compromissos. In Júlio Garganta, José Oliveira e Maurício Murada (Eds.), **Futebol: de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo** (pp. 235 – 238). FCDEF-UP, Porto. 2004a.

OLIVEIRA, R. D. C.; VAZ, L. M. T. **Alterações ao modelo de jogo: a vertente estratégica do jogo, o scouting e sua influencia na planificação de um jogo de futebol**. Trabalho final. Faculdade de Educação Física e Desporto. Universidade de Tras-os-Montes Alto Douro, Vila Real, 2006.

PAES, R. R. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Editora ULBRA, 2001.

PAZ, J. I. La periodización táctica. **Revista Futbol-Táctico**. n. 38. p. 74 – 87. Espanha, 2010.

PIVETTI, B. M. F. **Periodização táctica: o futebol arte alicerçado em critérios**. São Paulo: Phorte, 2012.

PONCE, J.; ORTEGA, J. Propuesta de um método para quantificar el comportamiento táctico de los equipos de fútbol. **Apunts: Educación Física y Deportes**, v. 71, p. 92 – 99. 2003.

QUEIROZ, C. **Estrutura e organização dos exercícios de treino em futebol**. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol. 1986.

QUINTA, R. Modelo de Jogo – da teoria à prática. IN: _____. **3º Jornadas Técnicas de Futebol + Futsal**. Vila Real: UTAD. 2004.

RAPOSO, V. A. **O planeamento do treino desportivo: desportos individuais**. Lisboa: Ed. Caminho.. 2002.

REILLY, T.; CLARYS, J.; STIBBE, A. Introduction. IN: REILLY, T.; CLARYS, J.; STIBBE, A. **Science and Football II**. London: E & FN Spon. 1993

RESENDE, N. **Periodização táctica. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial (da especificidade do nosso) jogo de futebol**. 2002. Monografia (licenciatura em Educação Física) Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, Porto. 2002.

RETONDAR, J. J. M. **Teoria do jogo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

REVERDITO, R. S. **Jogo e desenvolvimento: estudo com crianças de 05 a 06 anos em uma escola privada de Hortolândia-SP**. 2011. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

REVERDITO, R. S., SCAGLIA, A. J. PAES, R. R. Pedagogia do esporte: conceito e cenário contemporâneo. In: REVERDITO, R. S., SCAGLIA, A. J., MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

ROSA, S. S. **Construtivismo e mudança**. São Paulo: Cortez, 1994.

ROSEN, C. – Entrevista a Charles Rosen [Em linha]. 2008. [Consult. 18 jun 2014]. Disponível em: [HTTP://www.planetabasket.pt/dev/index.php?option=com_content&task=view&id=1672&Itemid=417](http://www.planetabasket.pt/dev/index.php?option=com_content&task=view&id=1672&Itemid=417). Acesso em: 18/06/2014.

SANDER, W. ; BUSCARIOLLI, R. Evolução da periodização no futebol: uma questão epistemológica (Parte 1). Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 14 de jun. 2014.

SCAGLIA, A. J. *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo de organizacional sistêmico. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 19, n. 4, p. 227-249. 2013.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e as brincadeiras de bola**. São Paulo: Phorte, 2011.

_____. O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. IN: FREIRE, J. B.; VENÂNCIO, S. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores Associados, 2005a.

_____. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Campinas, 2003.

_____. Jogo: um sistema complexo. IN: FREIRE, J. B.; VENÂNCIO, S. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores Associados, p. 37-69. 2005.

SCHIMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, F. Planejamento e Periodização do Treino Desportivo: mudanças e perspectivas. IN: **Treinamento desportivo: reflexões e experiências**. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa. p. 29-47. 1998.

VARGAS, F. S. Planificación a largo plazo en los deportes colectivos. In **Entrenamiento Deportivo en la Infância y Adolescência**, p. 139-184. 1994.

TAMARIT, X. **¿Qué és La Periodización Táctica? vivenciar el juego para condicionar el juego**. Espanha: MC Sports., 2007.

TAMARIT, X. Entrevista. IN: TOBAR, J. B. **Periodização tática: explorando sua organização conceito-metodológica**. Monografia apresentada à Escola superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil, 2013a.

TAVARES, E.; FARIA, R. O comportamento estratégico - acerca da autonomia de decisão nos jogadores de desportos colectivos. In: BENTO, J.; MARQUES, A. (eds.). **A ciência do desporto, a cultura e o homem**, FCDEF-UP, Porto, 1993.

TAVARES, J. **Uma noção fundamental: a ESPECIFICIDADE. Como investigar a ordem das “coisas” do jogar, uma espécie de invariância de tipo fractal;** Monografia de Licenciatura (não publicada); FCDEF-UP; Porto. 2003.

TEODORESCU, L. **Problemas de Teoria e Metodologia nos jogos desportivos.** (2ª Ed.) Lisboa: Livros Horizonte. 2003.

TOBAR, J. B. **Periodização tática: explorando sua organização conceptometodológica.** 2012.

VIEIRA, J. **A ortodoxia das... "periodizações", uma impostura?** Trabalho monográfico realizado na disciplina "seminário", opção futebol. FCDEF-UP. Porto. 1993.

ZAMBIASI, M. V. **A tomada de decisão do jogador de futebol relacionada aos marcadores somáticos.** Monografia apresentada à Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Brasil, 2012.